



ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA PARA TODOS!

Volume XIV

Daniel Martins Pinheiro Maciel
Deise Nanci de Castro Mesquita
Maria Alice de Sousa Carvalho Rocha

Organizadoras



FUNAPE Fundação de Apoio à Pesquisa



Daniel Martins Pinheiro Maciel
Deise Nanci de Castro Mesquita
Maria Alice de Sousa Carvalho Rocha
Organizadores

ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA PARA TODOS!

Volume XIV

1ª edição

Goiânia - Goiás
Editora Alta Performance
- 2024 -



Larissa Rodrigues Ribeiro Pereira

Diretora Comercial

Winstom Erick Cardoso Pereira

Diretor Administrativo

CONSELHO EDITORIAL

ACADÊMICO

Prof. Me. Adriano Cielo Dotto (Una Catalão)

Prof. Dr. Aguinaldo Pereira (IFRO)

Profa. Dra. Christiane de Holanda Camilo (UNITINS/UFG)

Prof. Dr. Dagoberto Rosa de Jesus (IFMT)

Profa. Me. Daiana da Silva da Paixão (FAZAG)

Profa. Dra. Deise Nanci de Castro Mesquita (Cepae/UFG)

Profa. Me. Limerce Ferreira Lopes (IFG)

Profa. Dra. Márcia Gorett Ribeiro Grossi (CEFET-MG)

Prof. Dr. Marcos Pereira dos Santos (FAQ)

Profa. Dra. Maria Adélia da Costa (CEFET-MG)

Profa. Me. Patrícia Fortes Lopes Donzele Cielo (Una Catalão)

Profa. Dra. Rita de Cassia de Oliveira Reis (Cepae/UFG)

Profa. Dra. Rosane Castilho (UEG)

Prof. Dr. Ulysses Rocha Filho (UFCAT)

CONSULTIVO

Nelson José de Castro Peixoto

Núbia Vieira

Welima Fabiana Vieira Borges

Copyright © 2024 by
Daniel Martins Pinheiro Maciel
Deise Nanci de Castro Mesquita
Maria Alice de Sousa Carvalho Rocha

Editora Alta Performance

Rua 132-A, nº 100, Qd F-45 Lote 2
Setor Sul - CEP 74093-22 - Goiânia/Goiás
CNPJ: 21.538.101/0001-90
Site: <http://editoraaltaperformance.com.br/>

Contatos:

Larissa Pereira - (62) 98230-1212

Revisão ortográfica: Doralice Jacomazi
Editoração: Franco Jr.

CIP - Brasil - Catalogação na Fonte

E74 Escola de Educação Básica para todos! Volume XIV. / Daniel Martins Pinheiro Maciel, Deise Nanci de Castro Mesquita, Maria Alice de Sousa Carvalho Rocha (Org.). – 1. ed. – Goiânia: Editora Alta Performance, 2024. Ebook.
185p.: il.

ISBN: 978-65-5447-311-8

1. Educação Básica. 2. Ensino-Escola. 3. Didática. 4. Vivências. I. Título.

CDU 376

DIREITOS RESERVADOS

É proibida a reprodução total ou parcial da obra, de qualquer forma ou por qualquer meio, sem a autorização prévia e por escrito dos autores. A violação dos Direitos Autorais (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO 13

Daniel Martins Pinheiro Maciel

Deise Nanci de Castro Mesquita

Maria Alice de Sousa Carvalho Rocha

Parte I

Foto-Conto: produções audiovisuais de coletânea doméstica

A. CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO 38

Professora Deise Nanci de Castro Mesquita

1. *Beatriz Pimentel* 38
2. *Fernanda Martins Vieira* 38
3. *Heitor Alves Mesquita* 39
4. *Karoline Oliveira dos Santos* 39
5. *Marina Lima da Silva* 39
6. *Maria Eduarda Souza Almeida*..... 40
7. *Rafael Augusto Damaceno* 40
8. *Rafaella de Almeida Alves*..... 40

Professora Maria Alice de Sousa Carvalho Rocha

1. *Ayla Abbadia Oliveira Melo Braga*..... 41
2. *Aurora Figueiredo Echalar* 41
3. *Bernado Gomes Teixeira*..... 42
4. *Dante Furtado Godoi*..... 42
5. *Ester Matos Lopes da Silva*..... 42
6. *Felipe Pereira do Carmo* 43
7. *Francisco Lucas Mourão Moraes da Fonseca*..... 43

8. Isadora Soares Barbosa.....	43
9. Izete Aparecida Lopes de Urzeda	44
10. João Luis Castro dos Santos	44
11. Jorge Serradourada Farah	44
12. Laura Cardoso Schuck.....	45
13. Mariana Maria Silva.....	45
14. Miguel Magalhães Silva	45
15. Moisés Paolucco Quiroga	46
16. Olívia Gomes Belisário.....	46
17. Rafael Henrique Cirqueira Lopes.....	46
18. Samuel Martins Noletto.....	47
19. Tamara Nogueira de Deus	47
20. Tamara Nogueira de Deus	47
21. Victor Emanuel de Almeida Alves	48

B. CMEI VILLAGE ATALAIA

(Atendimento Educacional Especializado)49

Professora Mariana Cirqueira Ricardo da Silva

1. Éric Gabriel Tavares da Silva.....	49
2. João Pedro Santos Milhomem.....	49
3. Nicolas Alexandre Batista Lopes	50

C. ESCOLA ALDEIA.....51

Professora Cristina Moraes

Convidada Moema Ribeiro Borges

1. Álvaro Amaral Gomes.....	51
2. Clarice Cortes Cabral de Mesquita.....	52
3. Helena da Cunha Cedro	52
4. Miguel Curado Brom Moraes	52
5. Miguel Vieira Bueno	53
6. Olívia Lens Cândida Fidelis.....	53

D. ESCOLA CASA VERDE 54

Professor Maykon Rodrigues dos Anjos

1. *Ádria França Fretta* 54
2. *Antônio Bertocco Domingues* 54
3. *Athena Almeida Hidalgo* 55
4. *Bruna Brandão de Oliveira* 55
5. *Elias Inácio Rodrigues Trindade* 55
6. *Heloísa Machado Fernandes* 56
7. *Isabela Bretas Abreu Soares* 56
8. *Melissa Borim Borges Andrade* 56
9. *Yan Vitor Barbosa de Souza* 57
10. *Yolanda do Vale Marra* 57
11. *Savana Andrade da Silva Prado Cardoso* 57

E. ESCOLA DE REDAÇÃO CRIAR CONTEXTO 58

Professora Danielle Gomes Geraes Lima

1. *Ana Paula de Lima Ribeiro* 58
2. *Anny Vitória Gomes Oliveira* 58
3. *Matheus Moraes* 59
4. *Nathália Castro Silva* 59

F. ESCOLA SOL NASCENTE 60

Professora Danielle Gomes Geraes Lima

1. *Arthur Bortoloti Americano de Freitas* 60
2. *Manuela Ferreira de Melo* 60
3. *Maria Clara de Moura* 61
4. *Marina Melo Di Rossi* 61
5. *Sarah Cordeiro Guimarães* 61

G. REDE PÚBLICA DE ENSINO DE GOIÂNIA62

Professora Adrielle Souza do Nascimento Aguiar

Professora Patrícia Maria Jesus da Silva

1. *Ana Maria Crisostomo Silva* 62
2. *Eduardo Martins Alves*..... 62
3. *Ester Larisa Xavier da Silva Lima* 63
4. *Geovana Pimenta Mendes* 63
5. *João Victor Soares Ferreira* 63
6. *Kamilly Victória Almeida de Sousa*..... 64
7. *Maria Clara de Sousa Nogueira* 64

Parte II

Foto-Narrativa: produções escritas de acervo familiar

A. CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO.....66

Professora Deise Nanci de Castro Mesquita

1. *Beatriz Pimentel – 1º ano – Ensino Médio* 66
2. *Karoline Oliveira dos Santos – 1º ano – Ensino Médio* 67
3. *Maria Eduarda Rinaldi – 1º ano – Ensino Médio*..... 68
4. *Maria Eduarda Souza Almeida – 1º ano – Ensino Médio*..... 69
5. *Rafael Augusto Damasceno – 1º ano – Ensino Médio*..... 71

Professora Maria Alice de Sousa Carvalho Rocha

1. *Aurora Figueredo Echalar – 2º ano – Ensino Fundamental* 74
2. *Bernardo Gomes Teixeira – 2º ano – Ensino Fundamental*..... 75
3. *Davi Castro Alves – 2º ano – Ensino Fundamental*..... 76
4. *Dante Furtado Godoi – 2º ano – Ensino Fundamental* 77
5. *Gabriel Diniz – 2º ano – Ensino Fundamental*..... 78
6. *Izete Aparecida Lopes de Urzeda – Mestranda (PGEEB/CEPAE/UFG)....* 79
7. *João Luiz Castro dos Santos – 2º ano – Ensino Fundamental* 81
8. *Jorge Serradourada Farah – 2º ano – Ensino Fundamental* 82
9. *Kelly Santana Rodrigues Costa – 2º ano – Ensino Fundamental* 83

10. Laura Cardoso Schlick – 2º ano – Ensino Fundamental.....	84
11. Moisés Paolucci Quiroga – 2º ano – Ensino Fundamental	85
12. Tamara Nogueira de Deus – Mestranda (PPGEEB/CEPAE/UFG)	86

B. CMEI VILLAGE ATALAIA

(Atendimento Educacional Especializado)	88
---	----

Professora Mariana Cirqueira Ricardo da Silva

1. Éric Gabriel Tavares da Silva – 5º ano – Ensino Fundamental	88
2. João Pedro Santos Milhomem – 2º ano – Ensino Fundamental	89
3. Nicolas Alexandre Batista Lopes – 3º ano – Ensino Fundamental.....	90
4. Nicolas Alexandre Batista Lopes – 3º ano – Ensino Fundamental.....	91

C. ESCOLA ALDEIA.....92

Professora Bárbara Miguel

1. Bernardo Correa Rosolem – 5º ano – Ensino Fundamental	92
2. Bernardo Rocha Pacheco – 5º ano – Ensino Fundamental	94
3. Helena da Cunha Cedro – 5º ano – Ensino Fundamental.....	95
4. Lucas Gomes Pires Collet – 5º ano – Ensino Fundamental	96
5. Marina Schineider de Paula Costa – 5º ano – Ensino Fundamental	97
6. Miguel Vieira Bueno – 5º ano – Ensino Fundamental.....	99

D. ESCOLA CASA VERDE100

Professor Maykon Rodrigues dos Anjos

1. Athena Almeida Hidalgo – 2º ano – Ensino Fundamental.....	102
2. Bruna Brandão de Oliveira – 1º ano – Ensino Fundamental.....	103
3. Elias Inácio Rodrigues Trindade – 1º ano – Ensino Fundamental.....	104
4. Heloísa Machado Fernandes – 3º Ano – Ensino Fundamental.....	105
5. Olívia Gomides Porto – 5º Ano – Ensino Fundamental	106
6. Savana Andrade da Silva Prado Cardoso – 4º ano – Ensino Fundamental	107
7. Yan Vitor Barbosa de Souza – 2º ano – Ensino Fundamental.....	108

E. ESCOLA DE REDAÇÃO CRIAR CONTEXTO 109

Professora Danielle Gomes Geraes Lima

1. *Arthur Bortoloti Americano de Freitas – 6º ano – Ensino Fundamental 109*
2. *Ana Paula de Lima Ribeiro – 7º ano – Ensino Fundamental 111*
3. *Anny Vitória Gomes Oliveira – 6º ano – Ensino Fundamental 112*
4. *João Carlos Castro – 3º ano – Ensino Fundamental 114*
5. *Manuela Ferreira de Melo – 7º ano – Ensino Fundamental 115*
6. *Miguel Junqueira – 6º ano – Ensino Fundamental 116*
7. *Matheus Moraes – 6º ano – Ensino Fundamental 117*
8. *Nathália Castro Silva – 6º ano – Ensino Fundamental 119*

F. ESCOLA SOL NASCENTE..... 120

Professora Danielle Gomes Geraes Lima

1. *Amanda de Moura Melo – 7º ano – Ensino Fundamental 120*
2. *Maria Clara de Moura – 7º Ano – Ensino Fundamental 122*
3. *Marina Melo di Rossi Soares – 7º ano – Ensino Fundamental 123*
4. *Pedro Miguel Nascimento da Silva – 7º ano – Ensino Fundamental 125*
5. *Sofia Evangelista Lima Ferrare – 7º ano – Ensino Fundamental 127*

G. REDE PÚBLICA DE ENSINO DE GOIÂNIA 129

Professora Adrielle Souza do Nascimento Aguiar

Professora Patrícia Maria Jesus da Silva

1. *Ana Maria Crisostomo Silva – 6º Ano – Ensino Fundamental 129*
2. *Eduardo Martins Alves – 6º Ano – Ensino Fundamental 130*
3. *Ester Larisa Xavier da Silva Lima – 7º Ano – Ensino Fundamental 131*
4. *Geovana Pimenta Mendes – 7º Ano – Ensino Fundamental 132*
5. *João Victor Soares Ferreira – 6º Ano – Ensino Fundamental 133*
6. *Kamilly Victória Almeida de Sousa – 6º Ano – Ensino Fundamental 134*
7. *Maria Clara de Sousa Nogueira – 6º Ano – Ensino Fundamental 135*

Parte III

Foto-História: produções textuais de registro documental

A. CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO..... 137

Professora Deise Nanci de Castro Mesquita

a. *HaShoá*

1. Bianca Paulino Maciel – 1º ano – Ensino Médio 138
2. Heitor Alves Mesquita – 1º ano – Ensino Médio 139
3. Jorge Wagner da Purificação Ribeiro – 8º ano – Ensino Fundamental 140
4. Liv de Pellegrin Antunes – 1º ano – Ensino Médio 141
5. Rafael Augusto Damasceno – 1º ano – Ensino Médio 142

b. *Ditadura Militar*

1. Barbara Carneiro Vilela – 8º ano – Ensino Fundamental 143
2. Bianca Paulino Maciel – 1º ano – Ensino Médio 145
3. Izabelly Regina Perdigão – 8º ano – Ensino Fundamental 146
4. Karoline Oliveira dos Santos – 1º ano – Ensino Médio 147
5. Kauan Pereira da Silva – 8º ano – Ensino Fundamental 148
6. Lucca Christopher Costa Ribeiro – 8º ano – Ensino Fundamental 149
7. Maria Eduarda Rinaldi Gervasio – 1º ano – Ensino Médio 150
8. Marianny Vieira de Sousa – 8º ano – Ensino Fundamental 151
9. Nicole de Souza Reis – 8º ano – Ensino Fundamental 153
10. Rafael Augusto Damasceno – 1º ano – Ensino Médio 155

c. *Morte e Vida Severina*

1. Beatriz Pimentel – 1º ano – Ensino Médio 156
2. Maria Eduarda Rinaldi Gervasio – 1º ano – Ensino Médio 158
3. Maria Eduarda Souza Almeida – 1º ano – Ensino Médio 160
4. Rafael Augusto Damasceno – 1º ano – Ensino Médio 162

d. *Quarto de Despejo*

1. Fábio Renato dos Santos Crespo – 1º ano – Ensino Médio 164
2. Maria Eduarda Rinaldi Gervasio – 1º ano – Ensino Médio 166
3. Maria Eduarda Souza Almeida – 1º ano – Ensino Médio 168

B. ESCOLA ALDEIA..... 170

Professora Cristina Moraes

Professora Bárbara Miguel

Professor Fabrício Clemente

a. Ditadura Militar

1. Alice Carvalho Borges – 5º ano – Ensino Fundamental..... 171
2. Ana Clara Carvalho Sousa – 5º ano – Ensino Fundamental 172
3. Clarice Cortes Cabral de Mesquita – 5º ano – Ensino Fundamental... 173
4. Maria Eduarda Tófani Melo Braga – 5º ano – Ensino Fundamental... 174
5. Miguel Curado Brom Moraes – 5º ano – Ensino Fundamental..... 175
6. Olívia Lens Cândido Fideles – 5º ano – Ensino Fundamental 176

b. Nakba

1. Ana Clara Carvalho Sousa – 5º ano – Ensino Fundamental 177
2. Beatriz Pereira de Almeida – 5º ano – Ensino Fundamental 179
3. Helena da Cunha Cedro – 5º ano – Ensino Fundamental..... 180
4. Isis Campos Nagato – 5º ano – Ensino Fundamental..... 182
5. Olívia Lens Cândido Fideles – 5º ano – Ensino Fundamental 183

APRESENTAÇÃO

*Daniel Martins Pinheiro Maciel - Instituto Politécnico do Cávado e do Ave
danmpmaciel@gmail.com*

*Deise Nanci de Castro Mesquita - CEPAE/UFG
mesquitadeise@ufg.br*

*Maria Alice de Sousa Carvalho Rocha - CEPAE/UFG
maria.carvalho@ufg.br*

- **Câmera fotográfica e filmadora: churinga contemporânea**

“Precisamos entender o presente não como um momento passageiro, entre um passado já dado e um futuro à nossa espera, mas como esse local de conexão onde o passado desagua e de onde o futuro desabrocha.”

(Luiz Alberto Oliveira, físico e doutor em Cosmologia, curador do Museu do Amanhã, Rio de Janeiro)

Este volume XIV da Coletânea Escola de Educação Básica para Todos! apresenta o resultado de parte do trabalho desenvolvido no Projeto de Extensão “Churinga, Memória e Produção Textual: resgate de histórias, mitos e lendas que compõem o coração de culturas”, sob a coordenação do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação da Universidade Federal de Goiás, em parceria com a Associação de Produção e Animação Audiovisual (Ao Norte), de Viana do Castelo, em Portugal, e a participação de escolas de educação básica estaduais, municipais e particulares de Goiânia, Aparecida de Goiânia e Piracanjuba, em Goiás, no Brasil.

O termo “Churinga”, que dá título ao projeto, foi escolhido durante uma visita à Exposição Principal do Museu do Amanhã – *Cosmos, Terra, Antropoceno, Amanhãs e Nós*, no Rio de Janeiro, em dezembro de 2023. No espaço *Nós*, o visitante entra em uma grande escultura em madeira que lembra uma oca (simbolicamente, um lugar de transmissão de conhecimentos indígenas, onde os familiares e parentes de grupos étnicos e clãs de tribos se reúnem para ouvir as lendas, os mitos, as histórias que compõem os fundamentos de suas culturas) e se depara com um objeto esguio, feito de madeira lavrada, sustentado sobre uma base que traz as seguintes inscrições: “Churinga é uma ferramenta simbólica milenar da cultura aborígine australiana que serve para costurar o tempo, conectando passado e futuro. O museu aspira a ser uma churinga para o século XXI”. (Disponível em: <https://museudoamanha.org.br/pt-br/nos>. Acesso em: 20 out. 2024).

Esse instrumento que já fez parte do cenário do árido deserto australiano no século XIX suscita à reflexão o que nós, seres ditos civilizados do século XXI, queremos deixar como legado, como marca, nas e pelas nossas churingas modernas, para as próximas gerações. A instigante questão procede, pois, ao menos em relação a esse povo milenar, não há muito do que nos orgulharmos; afinal, a vida desses australianos nativos, provavelmente descendentes dos primeiros humanos modernos a migrar do continente africano para a Ásia há cerca de 70 mil anos, chegando à Austrália 5 mil anos depois, que na época totalizavam aproximadamente 750.000 indivíduos, subdivididos em 500 grupos, todos se vendo como parte da natureza e ligados especialmente a tudo o que é natural, com cerca de 300 línguas diferentes, atualmente correspondem a apenas 1% da população australiana.

Com a chegada dos colonizadores ingleses em 1758, deu-se início aos massacres das comunidades Aborígenes. Soldados ingleses visitavam as aldeias fingindo uma aproximação amigável, oferecendo presentes. Porém, outros soldados envenenavam com arsênio a água e os alimentos dos Aborígenes; várias pessoas, inclusive crianças, morreram em consequência do envenenamento.

Os soldados ingleses destruíram locais considerados sagrados pelos Aborígenes. Também ofereciam bebida alcoólica à população local, e se aprobei-

tavam do estado de embriagues para instigar confrontos entre as diferentes aldeias, fazendo com que eles mesmos se aniquilassem.

Após proclamada a independência australiana, os Aborígenes passaram a sofrer com a discriminação da população de seu próprio país. Parte da população australiana considerava os Aborígenes como sendo parte da fauna e da flora, não havendo o devido respeito a esses indivíduos.

Dentre as diversas perseguições sofridas por essa comunidade, se destaca a “The Stolen Generations”, uma tentativa de “limpeza étnica”. Homens, a mando do governo, invadiram as tribos e raptaram crianças, inclusive bebês; muitas foram retiradas de suas famílias, pouco se sabe a respeito do verdadeiro paradeiro delas.

Alguns vivem em aldeias no deserto, outros moram em bairros periféricos das grandes cidades. A maioria não consegue emprego formal e recebe auxílio do governo. Alguns conseguem contribuições da população, tocando nas ruas da cidade o *didgeridoo*, um instrumento de madeira que produz um som forte parecido com o apito de um navio. É comum encontrar pela cidade Aborígenes embriagados, e muitas vezes envolvidos em confrontos com a polícia (Mundo Educação, UOL, 2024).

Olhando para outras realidades, em especial para a do nosso país, é possível fazer alguma analogia entre esses massacres e situações pretéritas e presentes contra os povos originários do Brasil? Ou contra outros grupos étnicos, culturais, religiosos, raciais, etc., também fora do país, ainda hoje? Basta acompanharmos os noticiários nacionais e internacionais diários para entendermos que, de fato, o exercício de reflexão proposto na Exposição Principal do Museu do Amanhã, em *Nós*, é urgente e nos concita, como educadores, a trazer também para o ambiente escolar questionamentos em torno desses dilemas e sobre como queremos enfrentá-los e transformá-los, de forma ética, com sustentabilidade, na convivência.

E foi bem este o objetivo que levou esse grupo de professores a se reunirem para fazer da câmera, fotográfica ou filmadora, antiga ou moderna, uma espécie de churinga, que servisse como um instrumento simbólico temporal que armazena, pela imagem, marcas do passado que se configuram como legado para a continuidade da nossa própria vida e cultura. No entanto, neste projeto, há uma subversão de papéis: os protagonistas a recriarem e recontarem as narrativas que fazem lembrar o já vivido não são anciãos com experiência de vida

empírica, mas crianças e jovens estudantes, cujo trabalho se constitui na busca arqueológica de analisar dados captados em imagens fotográficas ou cenas audiovisuais, guardados como lembranças e recordações familiares, ou de domínio público por se constituírem de fatos já reconhecidos e/ou consagrados pela História. E outra adulteração do papel original dessa churinga tem a ver com a forma de veiculação das histórias contadas ao seu redor, em seu entorno ou através dela: ao invés de relatos apenas orais, neste projeto, são produzidos textos do tipo narrativo, em linguagem visual, audiovisual e escritos.

Não obstante, a ancestral função da churinga é mantida: também agora, é um meio educacional de transmissão e produção de conhecimentos, já que as imagens analisadas e os textos daí advindos, tecidos por muitas mãos no ambiente escolar, não servem apenas para resgatar o passado, mas também para inspirar a reformulação do futuro, da realidade que se deseja e está por vir. Afinal, a participação de docentes e discentes dos ensinos fundamental, anos iniciais e finais, médio, de graduação e pós-graduação, com suas diferentes experiências sociais, culturais e etárias, corrobora para que a História seja olhada, ouvida e reconhecida como riqueza a ser aprendida, mas também como um simulacro de acontecimentos factuais a serem observados, avaliados, revisados e transformados.

O projeto se sustenta em três bases centrais: integra universos escolares de diversificados contextos culturais e põe em diálogo a realidade de estudantes de distintas etapas de alfabetização e letramento; promove a busca de realidades factíveis cujas situações ocorreram em outras épocas e distintas conjunturas sociais, e que se encontram documentadas principalmente por imagens fotografadas e/ou filmadas; e estimula a produção textual autoral, audiovisual e escrita, a partir da compreensão de que, embora as narrativas curtas possam ser fruto tão somente de fruição estética criativa e imaginativa, encontram-se referendadas em mitos, ritos e lendas que configuram o imaginário humano e traduzem suas leituras de determinadas realidades.

Em termos teóricos, esta proposta se funda na compreensão de que toda e qualquer língua/linguagem adotada pelo ser humano, seja ela verbal, oral ou escrita, e não verbal traduzida em imagem estática ou em movimento, representa a realidade informal do dia a dia e de sua apreensão formalizada na

academia apenas em seu aspecto simbólico, metaforonímico, não literal (Sausure, 1995); que a interação social é dialógica e se sustenta em discursos estruturados em diferentes tipos e gêneros textuais (Bakhtin, 1997), e que, para o desenvolvimento do letramento em um idioma, as atividades escolares devem prever a leitura e a escrita de textos cujos sistemas linguísticos se organizam segundo aspectos discursivos e não meramente normativo-gramaticais (Antunes, 2009).

Neste projeto, trata-se, pois, do exercício formal de imersão dos estudantes em produções narrativas, para que possam realizar o estudo dos elementos linguísticos e suas funcionalidades, que estruturam crônicas, contos, memórias, escrituras, etc., com o objetivo de compreender os propósitos interacionais da semântica, da morfologia e da sintaxe. Dessa forma, os estudantes são capazes de perceber que o texto é um sistema que manifesta social, cultural e historicamente a vida de pessoas inseridas em contextos dinâmicos e contraditórios, ou seja, tornam-se aptos a identificar diferentes realidades linguísticas, experimentar variadas possibilidades textuais e escolher as que mais adequadamente atendem às exigências sociais e aos seus próprios estilos e interesses.

Enfim, suas produções textuais, realizadas a partir da leitura e análise de imagens, são tomadas como um recurso à identificação e à recriação estética de temas que fazem intrínseca interface com a realidade e os conteúdos apresentados e aprendidos em outras disciplinas do currículo. Nesse sentido, a fruição estética é entendida como o efeito e a ação de se aproveitar e utilizar prazerosamente daquilo que possui um formato artístico, seja ele representado no belo, feio, amoroso, rude, irado, triste, alegre ou quaisquer outras manifestações humanas, que inspira e provoca a compreensão da realidade e sua ressignificação (Benjamin, 1993).

A seleção dos estudantes participantes foi feita pelos professores de cada instituição, atendendo aos seguintes critérios: estar matriculado/a em suas salas de aula de turmas regulares; ter interesse e disponibilidade para participar das atividades oferecidas no contraturno escolar ao menos duas vezes por mês; realizar as vivências sistêmicas ministradas por convidados especialistas nos temas abordados, na sala de aula virtual do Google Meet; produzir e entregar ao

menos uma produção textual audiovisual e escrita mensalmente, para a análise e revisão do professor; e apresentar essas produções para apreciação e avaliação do grupo, com vistas a sua publicação em materiais de divulgação dos resultados advindos deste projeto, como no caso deste e-book, volume XIV.

O projeto, previsto para ser realizado durante o segundo semestre de 2024 e primeiro semestre de 2025, está em sua terceira fase de desenvolvimento. Nas 1ª e 2ª etapas, foram oferecidas vivências sistêmicas sobre “Contar História com Imagens: produção audiovisual”, “Contar histórias com imagens: escrita de narrativas” e “Produção Textual do Tipo narrativo”, descritas a seguir, nas seções: “Fotomemória: práticas e apontamentos para o trabalho continuado com fotografias” e “Produções Escritas: narrativas imagéticas cotidianas”; e atualmente, na 3ª etapa, vêm sendo realizadas leituras, análises e rodas de conversa nos encontros presenciais organizados pela/os professora/es, na escola, e virtuais com todos os participantes do projeto, na sala do Google Meet, sobre o “Resgate de momentos importantes da história do país e do mundo, por meio de fotografias documentais”, cujas formulações estão expostas na seção “Registros Imagéticos: fontes da História”. E para conhecer o resultado do trabalho desenvolvido pelos participantes nas etapas até o momento, após esta apresentação, o leitor poderá percorrer as três partes que compõem este e-book: I - Foto-Conto: produções audiovisuais de coletânea doméstica; II - Foto-Narrativa: produções escritas de acervo familiar; e III - Foto-História: produções textuais de registro documental.

- **Fotomemória: práticas e apontamentos para o trabalho continuado com fotografias**

O registro fotográfico, no século XIX, viria a sublinhar o advento das imagens do real, que se tornaria uma das características definidoras da cultura da imagem no século XX e até a atualidade. A fotografia, imagem que registra e documenta lugares, pessoas e acontecimentos, foi, durante uma grande parte do século XX, o documento por excelência de produção de verdades e de sustentação de uma determinada asserção sobre o real. Esse seu valor documental virá a ser central no trabalho jornalístico e científico, operando enquanto “evi-

dência externa”, ou seja, enquanto prova de conceito ou ideia que é produzida como decalque do real, com interferência reduzida do seu autor.

De se destacar que esse uso da fotografia como registro do momento, registro “fiel” do real, ou prova concreta, foi com o tempo acentuado pela progressiva democratização do acesso a máquinas fotográficas, sobretudo a partir da segunda metade do século XX. Passo a passo, o registro fotográfico foi sendo partilhado, desde o seu uso exclusivo inicial por parte de quem tinha posses e conhecimentos suficientes para aceder a esses aparelhos e à possibilidade de revelação das fotografias, para as mãos de amadores investidos e, finalmente, para o manuseamento de outras pessoas sem conhecimentos ou estudos de fotografia.

Nessa transição do uso exclusivo para o uso generalizado, sobressai a ubiquidade da marca Polaroid, cuja comercialização de máquinas fotográficas de revelação automática exponenciou o uso comum e banal da fotografia. Se a primeira metade do século XX inclui nas suas linhas definidoras o advento do registro de imagem (fotografia e filme), a segunda metade desse mesmo século foi marcada pelo começo de uma curva de abundância de imagens, caracterizado pelo aumento exponencial da produção de fotografias e filmes caseiros.

Esse é o tempo das grandes coleções domésticas – a massificação da produção de fotografias é acompanhada pela comercialização de álbuns, almanaques e carteiras de fotografias, desenhados para a arquivagem em volume de grandes quantidades de registros. As casas passam a ser também repositórios dessas coleções que desenhavam, pelas imagens, os percursos biográficos dos seus habitantes, tracejando as suas relações sociais pelas múltiplas conexões que se encontram em fotografias de grupo e, ao mesmo tempo, operando como registro informal de eventos históricos de importância local e global.

Concretamente, encontramos hoje um pouco por todas as casas de registros fundamentais de pessoas, eventos, estéticas, costumes e toda a panóplia de evidências geradas pela atividade humana, evidenciando-se essas coleções domésticas como verdadeiros espólios de rico interesse para investigadores de diversas áreas – desde a história da fotografia e da arte, à antropologia e à pedagogia. São coleções herdadas, zeladas, e em permanente (re)construção: são testemunhos densamente plenos de informação e sentimento. Para nós, são o motivo de um tremendo fascínio.

É pelo reconhecimento dessa riqueza que foi fundada, em 2011, a plataforma Fotomemória. O impulsionador foi a Associação Ao Norte, uma associação de Produção e Animação Audiovisual sediada na cidade de Viana do Castelo, em Portugal, e que opera regionalmente com atividade cineclubista, com intervenção na pedagogia do cinema pela formação de professores, alunos e demais comunidade pedagógica, e com a produção de documentários e de festivais de cinema. Dessa instituição partiu a iniciativa de lançar uma campanha de recolha, digitalização, catalogação e divulgação de coleções de fotografias do século XX, começando com uma chamada de contribuições a partir do seu universo de associados e parceiros. Mais tarde, o Fotomemória ganhou corpo, com o envolvimento de projetos de intervenção no território que incluem residências em trabalho de campo com as comunidades, exposições de fotografias, publicações e produção de vídeos.

O Fotomemória dedica-se ao contato direto com residentes em freguesias da zona do noroeste de Portugal, pedindo acesso a álbuns de fotografias, arquivos pessoais e outras fontes de recolha de documentos audiovisuais, com uma preocupação direta na recolha de fotografias em papel. A aproximação a essas coleções é feita com a intenção da sua salvaguarda (muitos desses registros estão em risco de decomposição e desaparecimento) e da sua divulgação para um público interessado.

Para o efeito, desenhamos um campo de ação a que designamos o do “doméstico”, aqui subentendendo o doméstico como todo o espaço de ocupação afetiva dos donos das fotografias, e não apenas a área fisicamente delimitada pelas paredes da casa. Paralelamente, também assumimos uma definição de “coleção” bastante abrangente. As disposições dos arquivos são múltiplas, e as fotografias poderão estar organizadas em quadros nas paredes, em álbuns, em caixas, ou até espalhadas por vários membros do núcleo familiar, da vizinhança, ou das demais redes de relações afetivas que se traçam a partir da pessoa que participa no Fotomemória.

No contexto dessas recolhas, poderemos desenhar uma divisão prática entre dois grandes tipos de coleções domésticas. De um lado, estão as coleções que resultam do trabalho de fotografia de fotógrafos profissionais ou amadores. Aqui, entendemos fotógrafos profissionais como aqueles que fazem da fo-

tografia uma prática lucrativa; por amadores, referimo-nos àqueles que fazem da fotografia passatempo ou arte sem interesse de lucro. Essas coleções caracterizam-se por retratarem uma variedade grande de situações e contextos, frequentemente apontando a lente “para fora” do contexto pessoal e familiar. É nessas coleções que se encontram, frequentemente, registros que tendem a ser do maior interesse de etnógrafos e outros entusiastas pela história e cultura de uma comunidade, pois os fotógrafos profissionais e amadores tendem a ser mais profícuos no registro de eventos, pessoas, objetos e demais situações que mereçam documentar.

Essas coleções de fotógrafos profissionais e amadores, no entanto, não são regra dentro das recolhidas feitas no Fotomemória. Do outro lado, está a fotografia vernacular, ou seja, a fotografia do cotidiano, cujo fotógrafo a produz não com interesse na linguagem fotográfica, mas sim no objeto da fotografia. É um registro que privilegia a informação contra a montagem estética. Fotografias com “erros”: membros cortados, lente desfocada, dedos à frente da lente, desequilíbrios na montagem e outras divergências da fotografia estudada são achados frequentemente na fotografia vernacular.

Essas coleções de fotografias, os conjuntos de polaroids, de rolos Kodak revelados em volume, de retratos em máquinas de revelação instantânea, são coleções preservadas por relação afetiva com o sujeito fotografado, pela história que contextualiza a imagem... ou, por vezes até, por desleixo ou esquecimento (quando se trata de fotografias que seriam, de outra forma, jogadas fora).

Os arquivos de fotografia vernacular guardados em casa são assim coleções domésticas de imagens biográficas, pequenos farrapos de uma narrativa decomposta em registros individuais, armazenados de forma mais ou menos organizada e catalogada (por vezes, caótica, em aglomerados de fotografias soltas) e, em qualquer momento, predispostos a serem resgatados para uma revisitação de histórias e acontecimentos da vida do colecionador.

Assim, propõe-se uma visão dinâmica sobre os arquivos domésticos: pensar nas fotografias preservadas em coleções não somente como dispositivos auxiliares da memória, como muitas vezes são considerados, numa ligação linear com o evento retratado e somente como portador de uma carga de informação pronta a ser reativada em qualquer circunstância; mas, para além disso,

como narrativas em potência, fundos criativos prontos a serem engajados no momento da sua apresentação numa recontagem futura de histórias e eventos.

Aqui, dois aspectos importantes devem ser sublinhados: a coleção e o suporte físico. A coleção opera para além da mera acumulação de materiais. Poderíamos imaginar as fotografias como palavras soltas e preparadas para se constituírem em frases futuras. Cada pequena narrativa contida em cada imagem pode, assim, ser reconectada de novas formas em cada nova visita à coleção. Isso acontece, inclusivamente, mesmo com registros ordenados em álbuns de fotografia, em que a leitura aparentemente linear pode ser prontamente desobedecida pelo folhear acelerado de páginas, pela remoção de fotografias coladas para voltar a colar em outro lugar do álbum, ou pela decisão espontânea de apontar a fotografia que atrai o olhar e não a primeira do canto superior direito (assumindo essa ordem de leitura). Essa reconstrução narrativa *ad-hoc* e relativamente espontânea, que decorre em cada nova visita, confere ao arquivo uma vitalidade reconstitutiva e permite que este opere segundo sentidos preservados e em devir.

Ao mesmo tempo, o suporte físico, ou seja, pela fotografia em papel, permite que essa reformulação narrativa aconteça dentro de ritmos e padrões que harmonizam com o corpo do narrador. As fotografias podem ser ordenadas em bloco, espalhadas em mesas, manuseadas às vezes ou distribuídas entre diferentes pessoas – cada uma trazendo à discussão uma determinada leitura. A fisicalidade das coleções analógicas traz, por isso, uma carga significativa que apenas pode, pobremente, ser evocada em meios digitais.

O meio digital traz consigo o infortúnio da organização algorítmica, uma ordem de leitura trazida pela mediação do programa de leitura de fotografias. Comumente, agrupadas por ordem cronológica – em certos casos de coleções digitais mais organizadas, o colecionador poderá reunir as fotografias de acordo com categorias prescritas. Ainda assim, está por surgir uma forma digital de viagem por coleções que seja de alguma forma comparável ao contato físico com os formatos analógicos.

Não se pretende aqui desconsiderar a importância dos suportes digitais (afinal, o Fotomemória é um portal virtual e disponível online), mas apontar a pertinência do trabalho com formatos físicos, impressos, para que fique subli-

nhada a diferença qualitativa entre formas distintas de coleção, seus usos possíveis e abordagens a considerar quando nos aproximamos de acervos variados. O argumento é de que há algo de qualitativamente diferente entre o manusear de uma coleção virtual e de uma coleção física, e que uma não pode ser facilmente substituída pela outra. Com o Fotomemória, procura-se explorar essas formas relacionais de convivência com coleções de fotografias, tendo desenvolvido duas grandes linhas de análise e resultados concretos que permitem trazer essas narrativas em potência para fora, e tratá-las ao nível da investigação acadêmica e artística.

Por um lado, pela realização de exposições de fotografia concebidas enquanto eventos de instalação artística participativa. Para isso, desenvolvemos campanhas de recolha que envolvem períodos alargados de trabalho de campo com as comunidades, motivando conversas sobre fotografias, recolhendo informações e digitalizando acervos fotográficos domésticos. O resultado é a realização de exposições em lugares de destaque para a comunidade: centros culturais, salões de eventos ou outras instalações locais que são também ponto de referência afetivo para a vizinhança. Nesses espaços são instalados painéis onde as fotografias são colocadas em grande quantidade, agrupadas em “ninhos” que envolvem uma relação forçada (pelo olhar exterior da nossa curadoria) entre imagens de coleções diferentes.

A preocupação central na organização dessas exposições é a de decompor o espaço expositivo, de contrariar a galeria de fotografia e motivar uma relação com as imagens expostas que seja mais próxima dos seus usos domésticos. Assim, as fotografias são colocadas de forma a serem tocadas, sem moldura ou vidro; o dispositivo de exposição (por norma, painéis de madeira) desenha corredores estreitos que forçam a aproximação à fotografia e o contato entre pessoas; as fotografias são ampliadas, de forma a garantir a fácil identificação das pessoas e contextos retratados.

O resultado é uma textura rica em discursos, encontros, lembranças e experiências. O momento de inauguração da exposição é a instalação artística em si, pois, mais do que a simples galeria, está em causa a situação de elevada cumplidade comunitária gerada pelo relacionamento entre pessoas e imagens. São eventos de grande confusão e resolução.

Por outro lado, foi desenvolvido um projeto audiovisual apelidado de Fotografia Falada. A Fotografia Falada consiste num ensaio de vídeo em que uma pessoa é convidada a falar de uma fotografia sua, relatar o contexto em que foi fotografada e preencher o discurso sobre a imagem com um relato autobiográfico. Na data, foram produzidas várias dezenas desses ensaios, conseguindo uma textura de testemunhos que incluem temas como patrimônio cultural, conflito, amor e alegria, herança cultural, migrações... os caminhos que as narrativas seguem são imprevisíveis.

Nesse sentido, foi seguida uma linha de entrevista não diretiva. Para a produção das Fotografias Faladas, foi usado um formato que contém duas questões comuns a todos os vídeos: uma de autoidentificação (nome, idade e origem) e uma outra que interpela, diretamente, “que fotografia é essa?”. A partir dessa primeira resposta, o trabalho do entrevistador é o de desenhar linhas de continuidade no testemunho, procurando a questão seguinte no discurso que está a ser, organicamente, debitado pelo entrevistado. A edição dos vídeos é feita somente no sentido de retirar as questões do entrevistador e outras interrupções, para além de edições feitas a pedido do entrevistado.

O resultado é uma narrativa coesa. Poderá surpreender essa facilidade, que mesmo pessoas com pouca ou nenhuma experiência em falar perante uma câmara conseguem transmitir um discurso claro e construído. Mas essa é a potência encerrada nas fotografias das coleções domésticas. A capacidade de ativarem memórias, histórias e narrativas coerentes, como exposto anteriormente, é cerne integral e definidor das coleções domésticas. As Fotografias Faladas apenas procuram explorar esse potencial, facilitar o seu registro e trazê-lo a um público maior.

No Projeto Churinga, a ideia foi trazer essa forma de trabalhar acervos de fotografias domésticas, para a sala de aula. A princípio, o que se imaginava como resultado era apenas a força que a relação com imagens poderia ter para motivar alunos à produção narrativa oral e escrita. E a proposta consistia numa adaptação simples: desafiar os alunos a procurar, em casa, uma fotografia sua e, em seguida, convidá-los a fazer uma “fotografia falada” improvisada, com recurso do celular, descrevendo as pessoas e/ou os objetos, o contexto ou fato re-

levante ali representado, bem como as lembranças ou recordações que se “escondiam” por detrás da imagem.

Os resultados foram avassaladores. A participação foi entusiástica, e a riqueza de histórias conseguidas deu prova da densidade emocional que os acervos domésticos comportam. Foi também uma aprendizagem assistir à forma como os docentes souberam utilizar essa potência e convertê-la em produções textuais ricas e variadíssimas, cruzando inclusivamente linguagens e estéticas.

Outro fato foi curiosamente observado durante as atividades do Projeto Churinga: está em curso uma revisitação aos formatos polaroid por parte dos jovens. A convivência dos diferentes formatos de produção de imagem (a fotografia de Polaroid para coleção física e a fotografia do celular para uso em redes sociais *online*) poderá vir a tornar-se um campo de estudos rico em considerações sobre representação, narrativa biográfica e sentidos estéticos do eu.

Daí, também, a insistência no fato de que, na pesquisa, o professor não é o autor, mas um provocador e, por vezes, curador dessas emergentes experiências e emoções que vêm à luz com as narrativas sobre fotografias domésticas. Verdadeiramente, trata-se de um processo de permanente (re)descoberta. E, no Projeto Churinga, foi exatamente como nas exposições organizadas em Portugal e em cada Fotografia Falada produzida com a Ao Norte: sempre um entusiasmo e encantamento com tudo aquilo que os arquivos domésticos conseguem oferecer. E, de fato, na continuidade do projeto, outros desdobramentos fascinantes e desafiantes aconteceram.

- **Produções Escritas: narrativas imagéticas cotidianas**

Durante as atividades que previam a busca dos alunos por uma fotografia familiar, em casa, e que dela pudessem abstrair uma narrativa improvisada, um reconto original, foi impossível não lembrar de dois textos de Walter Benjamin (1993), apresentados no livro *Magia e técnica, arte e política*. O primeiro texto foi “A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica”, no qual exemplifica que o advento da fotografia, no século XIX, representou um momento crucial para a reprodutibilidade técnica. Ela afetou a produção cultural, em seus processos de produção, concepção, recepção e percepção.

Tornar possível o acesso a um bem cultural implica muitas questões, uma delas, conforme discute Benjamim nesse texto, é a possibilidade de ele conter aspectos políticos cujo alcance possa vir e servir como instrumentos para uma transformação social. E é essa uma das proposições que interessou ao trabalho educativo com as fotografias oriundas de coletâneas domésticas dos participantes do projeto. Esses arquivos muitas vezes “esquecidos” nos álbuns, malas e/ou na memória *online* das nuvens tecnológicas podem dar notícias e constituir narrativas que mantêm relações íntimas com a vida coletiva de uma comunidade, de um território. Acessar essas coleções pode trazer à cena os aspectos sociais, identitários e subjetivos que permitam vislumbrar novas elaborações e produções de sentidos.

O outro texto foi “O Narrador”. Neste, Benjamim estuda a obra literária de Nikolai Leskov, um autor russo que escreveu muitos romances, contos e novelas que focalizavam a cultura de seu país, principalmente a linguagem e o cotidiano popular. Sua análise chama a atenção para o papel do narrador, precisamente o seu declínio, na era do avanço da reprodutibilidade técnica, de modo especial, com a imprensa. Segundo ele, o narrador concebido na literatura ganhou mais espaço que os narradores orais, já que as transformações econômicas e sociopolíticas acabaram por enfraquecer o compartilhamento de experiências.

Embora esses dois trabalhos de Benjamim tragam outras reflexões importantes, eles conversam com a contemporaneidade e com o projeto em questão. Atualmente, novas formas de reprodutibilidade se constituíram, bem como novos ordenamentos sociais e políticos, suscitando o fato de o quanto é necessário criar possibilidades para que se tenha consciência de como interferem na vida cotidiana. O que temos produzido com as facilidades tecnológicas? O que contamos e podemos narrar com as novas linguagens? Exercemos uma autoria com elas? Estamos construindo laços sociais a partir e com elas? Que compromissos éticos e estéticos podemos estabelecer com o que produzimos nas narrativas fotográficas e audiovisuais?

De maneira geral, a fotografia sempre esteve presente em sala de aula e os livros didáticos a contempla e explora, mas sob uma perspectiva ilustrativa, como uma linguagem visual que traduz ou reproduz a realidade. E mesmo quan-

do há algum questionamento acerca de sua pretensa transparência, parecem ser escassas as oportunidades de se experimentar outras dimensões que a fotografia pode trazer, para enriquecer a prática narrativa. Mas, durante o projeto, o dia a dia escolar foi sendo movimentado e muitas provocações surgiram, colocando todos para produzirem conhecimento. Isso porque, embora os encontros *online* com os participantes fossem quinzenais, as conversas, os estudos e as atividades continuavam nos outros dias em sala de aula e em casa; e à medida que as produções iam sendo realizadas, outras perguntas surgiam e suscitavam novas reflexões críticas sobre o papel da produção fotográfica e de seus recontos.

Em nossas salas de aula de língua portuguesa, tanto nas fases iniciais quanto nos níveis mais avançados de letramento, por exemplo, a narrativa impulsionada pela fotografia ampliou o campo tradicionalmente evocado para o trabalho com textos e a literatura ganhou mais um aliado para constituir um campo discursivo para instigar a potência de criação: o ler, o ver, o elaborar de modo a viver um processo de descoberta de si, do outro e de seu próprio território, inclusive para inventar outros mundos.

Nesse sentido, é necessário reafirmar o papel simbólico que a fotografia pode exercer nas práticas educativas, assim como qualquer outra modalidade artística e de linguagem. Ela integra as possibilidades humanas inventadas para dar conta do que a psicanálise denomina do confronto com o real. Freud e posteriormente Lacan reafirmaram em seus escritos a função das artes nesse antagonismo, servindo para sublimar, ou seja, para transformar positivamente nossos estranhamentos, sofrimentos e insatisfações. No seu artigo “Mal-estar na civilização”, em relação ao processo de sublimação, Freud (vol. XXI, p. 98) assevera: “Uma satisfação desse tipo, como, por exemplo, a alegria do artista em criar, em dar corpo às suas fantasias, ou a do cientista em solucionar problemas ou descobrir verdades, possui uma qualidade especial que, sem dúvida, um dia poderemos caracterizar em termos metapsicológicos”.

Assim, é imprescindível oferecer mais uma possibilidade para se retomar, atualizar e elaborar, quer no plano individual e/ou coletivo, um cotidiano a ser revisto, contado, reinventado e compartilhado. E, já nos primeiros encontros do projeto, foi chamada a atenção para a importância de se buscar amparo para

elaborações nas próprias fotografias, como já fazem muitos pesquisadores antropólogos, historiadores, sociólogos, etc. A proposta era a mesma: buscar conhecimentos e produzir narrativas, a partir das e com as imagens produzidas no âmbito familiar.

Vale ressaltar que o exercício de buscar os arquivos para começar a selecionar uma foto e depois descrevê-la, trazendo informações e produzindo sentido, foi um desafio para as diversas crianças e jovens que estavam participando. Para muitos deles, era a primeira vez que davam atenção ao que a família tinha de produção nesse sentido. Alguns diziam que não tinham acesso e, de certa maneira, não tinham mesmo. Estavam guardados em caixas e malas ou se encontravam nos arquivos digitais. E essa observação gerou uma discussão muito interessante: a passagem da tecnologia analógica para a digital, ocorrida em meados dos anos 80. O fato foi comentado e possibilitou um breve percurso pelo mundo da fotografia.

Em momentos ímpares, na sala de aula, estudantes tocavam as fotos trazidas pelos colegas: algumas em preto e branco, outras pintadas à mão, conforme os dispositivos acessíveis da época em que foram feitas. Foi uma novidade saber que, desde o início, quem produzia as fotos usava recursos para embelezá-las, assim como hoje fazem com os aplicativos que editam as fotos de diferentes maneiras.

A maioria das fotos trazidas para a sala de aula, principalmente as retiradas dos arquivos digitais, eram em preto e branco. Sobre isso, alguns alunos comentavam que “xerocar colorido é muito caro”, “lá em casa, a impressora não imprime colorido”. E outro debate pôde ganhar espaço em sala: a ideia de que a economia rege muito a vida cotidiana e, principalmente, o quanto é difícil “pegar, tocar, manusear” uma fotografia “revelada”. Enfim, vários saberes se entrecruzaram nos momentos de diálogo sobre as fotografias trazidas para a sala de aula: os históricos, os sociais, os econômicos, os culturais, que iam alimentando novas discussões.

O encantamento pelas fotos contagiou a todos, inclusive as professoras, que também foram buscar imagens a serem narradas, em seus arquivos domésticos. Como exemplo, foi levado para a sala de aula um álbum de fotografias em preto e branco. Esse tinha sido feito por um profissional que viajava nos

anos 70 pelo interior do Brasil comercializando os álbuns, que tirava as fotos e depois enviava pelo correio. O dessa família demorou tanto a chegar que a mãe pensou que tinha sido ludibriada. Foi uma festa o dia que esse tesouro chegou. E o mesmo acontecia quando um aluno mostrava a foto e começava a narrar sobre ela, um burburinho só, todos queriam falar ao mesmo tempo, risadas fervilhavam e a conversa sobre o que observavam corria solta.

As formas usadas para a realização do exercício posterior, que envolvia selecionar uma foto e apresentar sua narrativa gravada no celular em até um minuto, foram variadas, mas como a maioria dos estudantes já é acostumada com produções audiovisuais caseiras, as gravações aconteceram com facilidade. Alguns que tinham dificuldade realizaram o exercício na própria escola, com a ajuda do professor e/ou do colega. Muitos escolheram o lugar para fazer a gravação. Uma estudante de ensino fundamental dos anos iniciais, por exemplo, fez questão de que sua produção fosse realizada no parquinho da escola e, para tanto, retirou as folhas secas que cobriam o chão, fez um círculo para se posicionar no centro e, com preocupação, solicitou aos colegas que se aproximavam para não “atrapalharem” sua filmagem.

Depois, escrever sobre a foto escolhida foi outro desafio também muito bem aceito por todos. Alguns tiveram que buscar mais informações sobre os detalhes, pois não se lembravam quando, nem os nomes dos lugares que apareciam na imagem. Assim, só depois de conversar com alguém da família é que puderam retomar o trabalho e concluir a escrita. O gênero do texto foi livre, não padronizado, mas produziu semelhanças e diferenças, expressando as afinidades e as aproximações com os diferentes estilos. Alguns professores comentaram que a fotografia ajudou seus alunos a observarem mais os elementos descritivos nos textos, e que essa percepção facilitou a composição de suas escritas, ampliando o repertório e o detalhamento dos aspectos narrados.

Tanto na produção audiovisual quanto na produção textual escrita, as temáticas versaram sobre as experiências afetivas importantes: o nascimento, o aniversário, a viagem, o animal de estimação, uma apresentação, uma atividade cultural, uma brincadeira, a lembrança de alguém querido... E, conforme relatou um dos professores participantes, as narrativas atualizaram os instantes de convivência e afetos; e mais, revelaram o quanto dessa vivência os identifica e

produz associações com o coletivo vivenciado, revelando a íntima relação entre o eu e o outro.

- **Registros Imagéticos: fontes da História**

Algumas fotografias de coletâneas domésticas do acervo familiar também desencadearam narrativas que ajudaram a dar início à terceira parte do projeto, sobre o “resgate de momentos importantes da história do país e do mundo, por meio de fotografias documentais”. Exemplo disso foi uma imagem trazida à escola por um estudante que na época foi fotografado usando uma máscara, o que provocou a lembrança dos colegas sobre um momento que atingiu todo o planeta: a pandemia de Covid-19; e fatos a ela relacionados em suas vidas no âmbito local: os cuidados exigidos em relação à higiene, os protocolos de isolamento familiar, as polêmicas sobre a vacinação, as perdas de entes queridos, a saudade da escola e dos amigos, entre outros.

As discussões deixaram claro que, embora a foto tivesse sido escolhida porque suscitava lembranças de um momento interessante e específico da vida do estudante, ela deixava perceber, em seus detalhes, outras possibilidades de recordações, leituras e análises. De fato, a fotografia havia aberto janelas que suplantavam a mera ilustração de uma singular obviedade observada – uma viagem em família, e expandiam o alcance de sua representação simbólica para fatos subjacentes, gerais, que não estavam em foco, mas deixados como sinais, marcas, traços não explícitos ou diretamente expressos na imagem. Nas palavras de Tania Rivera (2008), assim se concebem as imagens: podem tão bem tranquilizar nossa alma em um quimérico mundo coeso e coerente (ser imagem-muro), ou lançar-nos à vertigem de uma complexa e caótica realidade (ser imagem-furo):

Temos aí uma dimensão da imagem que não deixa ver as falhas e nos dá a ilusão de um mundo homogêneo e bem-organizado (mesmo quando trata de temas complexos e problemáticos, como a violência, por exemplo). Podemos chamá-la de imagem-muro. Ela é antianalítica, faz-nos esquecer da terrível sentença de Freud de que o eu não é mais senhor em “sua própria casa” – pois o inconsciente nos tira o tapete e denuncia como ilusão o domí-

nio que teríamos de nós mesmos e do mundo. Nessa dimensão, a imagem é tranquilizadora, ela nos recentra, nos faz senhores de nossa própria casa – e de nosso próprio cinema. Ao lado dessa vertente da imagem, porém, perfila-se uma outra que não deixa de estar presente no cinema, a imagem-furo – agenciamento de imagens que nos põe em questão, problematiza a realidade e pode nos colocar na vertigem, por vezes poética, de um mundo heterogêneo do qual não somos senhores. Brechas entre imagens, espaço irreconhecível, caos pulsante que é a própria vida. Terrível e maravilhoso *aleph*¹ (Rivera, 2008, p. 8).

A partir dessa compreensão de que a imagem estática da fotografia, tal como a imagem em movimento do cinema, expressa mais do que a explicitabilidade que apresenta, o trabalho com as imagens acabou se revelando como outra autêntica forma de resgatar, perceber e problematizar momentos históricos, locais e globais, captados em meros episódios do cotidiano. E um outro exercício interessante foi desenvolvido: a presença de uma convidada na escola, que abriu sua coletânea doméstica de acervo familiar para narrar fatos sobre os tempos de exílio vividos durante a Ditadura Militar no Brasil. Sua visita gerou interesse e pesquisa por parte de vários estudantes. As fotos, narrativas e respostas da convidada às perguntas formuladas pelos estudantes trouxeram ao palco eventos políticos importantes que também haviam influenciado a história de vida de muitos de seus familiares e amigos.

Posteriormente, quando foram solicitados a desenvolver produções textuais de registros documentais sobre o tema abordado, alguns se dedicaram a recontar lembranças ouvidas dos avós, tios, pais, etc., desde quando eram pequeninos; e outros, que não tinham um fato verídico a relatar, se sentiram motivados e inspirados a criar suas próprias narrativas, utilizando, obviamente, as informações que haviam escutado, lido e/ou pesquisado. Essa atividade revelou, mais uma vez, a importância de termos acesso a fotografias de coletâneas domésticas e do acervo familiar como arquivos não apenas pessoais, mas que

¹ O nome Alef, também escrito na forma Aleph, é uma variação de Álefe, primeira letra do alfabeto hebraico. É considerada uma letra sagrada e possui um significado simbólico profundo. Representa a força divina, o princípio criador e a origem de todas as coisas. Além disso, Alef é frequentemente associado à sabedoria, à espiritualidade e à conexão com o divino. (Disponível em: <https://revista-crescer.globo.com/guia-de-nomes/alef/>. Acesso em: 27 out. 2024).

se cruzam com a história do país e do mundo, colocando em suspensão a ideia de “autobiografia”.

Outra inspiração para a escrita de narrativas de fatos históricos mundiais veio da imersão de alguns estudantes no livro de Georges Didi-Huberman (2013), *Cascas*, que apresenta um relato de sua visita ao museu de Auschwitz-Birkenau, na Polônia, a partir de algumas cascas de bétulas e um punhado de fotografias recolhidas ao acaso, no local, em junho de 2011. Essas imagens suscitaram várias questões relacionadas à realidade expressa em fotografias cristalizadas, como as do Holocausto de domínio público; o potencial subversivo dos registros históricos, quando são empreendidas análises e ressignificações de certas verdades acomodadas na história; e a relevância de se educar o olhar para a superação do “analfabetismo da imagem”², fazendo com que a arte não seja um meio seguro de alienar-se do mundo, mas uma ferramenta potente de penetrar nele, uma autêntica churinga contemporânea.

Enfim, a partir de Didi-Huberman, foi possível compreender que uma fotografia, quando bem olhada, desvela uma imagem que sabe desconcertar, depois renovar a linguagem, em seguida redimensionar o pensamento e, quiçá, em consequência, transformar as atitudes. São suas palavras finais no relato, após recordar a visita, analisando as fotos capturadas:

Para não ficar fascinado, nem aterrorizado, fiz então como todo mundo: tirei algumas fotografias ao acaso. Quer dizer, nem tão ao acaso. De volta para casa, vi-me diante daqueles poucos pedaços de cascas, diante da tabuleta de madeira pintada, da loja de suvenires, do passarinho entre os arames farpados, do simulacro de paredão de fuzilamento, dos solos bem reais fissurados pelo trabalho da morte e do tempo decorrido a partir de então, da janela de guarita, do pedaço de terreno baldio anunciando o inferno, do caminho de terra entre duas cercas eletrificadas, da porta de galpão, dos raros troncos de árvore e das frondes altas no bosque de bétulas, do rastilho de flores silvestres de-

² Termo relacionado às questões formuladas por Benjamin (1993, p. 107): “Já se disse que o analfabeto do futuro não será quem não sabe escrever, e sim quem não sabe fotografar. Mas um fotógrafo que não sabe ler suas próprias imagens não é pior que um analfabeto? Não se tornará a legenda a parte mais essencial da fotografia? Tais são as questões pelas quais a distância de noventa anos, que separa os homens de hoje do daguerreótipo, se descarrega de suas tensões históricas. É à luz dessas centelhas que as primeiras fotografias, tão belas e inabordáveis, se destacam da escuridão que envolve os dias em que viveram nossos avós”.

fronte do crematório V, do lago entupido de cinzas humanas. Poucas imagens, quer dizer, três vezes nada para uma história desse tipo. Para minha memória, contudo, elas são o que algumas aparas de casca de árvore são para um único tronco: lascas de pele, carne germinando (Didi-Huberman, 2013, p. 132).

O resultado da proposta apresentada aos alunos de buscar entender o sentido dos termos “imagem-muro” e “imagem-furo” (Rivera, 2008), inicialmente, a partir da leitura do livro *Cascas*, de Didi-Huberman (2013), foi impactante, principalmente pelo fato de que muitos alegaram desconhecer a história do Holocausto documentada em museus, no Brasil e em outros países. Diante das imagens capturadas pelo olhar de Didi-Huberman e de seus reflexos no ensaio escrito, os estudantes puderam conhecer o Memorial e Museu Auschwitz-Birkenau, localizado em Oswiecim, na Polônia, e criar narrativas que representassem suas reações sobre o processo de perseguição, exclusão social e econômica, expropriação, guetização, exploração de trabalho forçado, extermínio por meio da fome, doenças, esgotamento físico e, por fim, assassinato por fuzilamentos e gaseamento, de aproximadamente 90 mil prisioneiros Judeus, Polacos, Ciganos, cidadãos da URSS e outros, sem precisar recorrer a algumas imagens de domínio público tiradas antes da libertação desse e de outros campos de concentração, em 1945.

Para que pudessem obter mais informações sobre esse fato histórico de forma empírica, clara, verificável e palpável, e assim produzir textos de registro documental, evitando a “guerra de narrativas”, foram convidados a visitar sites virtuais oficiais que apresentam e discutem seus acontecimentos, situações, dados e fenômenos concretos e singulares, como a Base de Dados Infraestrutura Europeia de Pesquisa do Holocausto (<https://www.ehri-project.eu>), a Enciclopédia do Holocausto (<https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/invasion-of-poland-fall-1939>), o Monte da Memória Yad Vashem (<https://www.yadvashem.org/>), o Campo de Concentração de Auschwitz, (<https://www.the-auschwitztours.com/pt/auschwitz-concentration-camp/>), entre outros.

Esse exercício, apresentado na parte III sob o título “*HaShoá*” (do hebraico, A Catástrofe), deu origem a outras narrativas inspiradas em fotografias de domínio público e em imagens expressas na literatura brasileira, que denunciam

fatos históricos impactantes e situações cotidianas vexatórias sobre a fome, a miséria, a violência... que nos interrogam: a catástrofe que leva ao extermínio de seres humanos é uma anomalia, uma coisa do passado advinda da ignorância, da falta de compreensão de povos não civilizados, ou é uma inexorável constatação da arrogância, do desrespeito, do ódio, da intolerância e da crueldade que fervem e frequentemente transbordam da e na humanidade também dita civilizada?

Em sua obra “Meu nome é Adam” (Crianças do Gueto Livro 1), Elias Khoury (2024, p. 353) responde: “Não me entendam mal, senhoras e senhores. Não cairei na armadilha de dizer que a *Nakba* foi um evento histórico único. A história, antiga e moderna, é uma série de catástrofes que afligiram inúmeros povos”. E após a leitura dessa obra e a observação de fortes imagens ali documentadas, alguns estudantes também se sentiram instados a responder, com diferentes narrativas, que também eles já não suportam mais assistir à catástrofe (*Nakba*, em árabe) que vem desintegrando o povo palestino, obrigando o deslocamento de aproximadamente 750.000 crianças, jovens, adultos e idosos, expulsos ou forçados a fugir de suas casas, resultando na destruição de centenas de aldeias e intermináveis períodos de diáspora. E, para aprofundar o conhecimento sobre esses e outros fatos que deram sustentação as suas histórias, expostas na seção intitulada “*Nakba*”, também tiveram acesso às obras: “Palestine”, de Joe Sacco (1993), “Como curar um fanático: Israel e Palestina: entre o certo e o certo”, de Amós Oz (2016), “Palestine: A Four Thousand Year History”, de Nur Masalha (2018), “A Guerra”, de José Jorge Letria e André Letria (2018) e “Dez mitos sobre Israel”, de Ilan Pappé (2022).

Ainda, as seleções de foto-história e produções textuais de registro documental inspiradas na leitura e análise das obras de João Cabral de Melo Neto e Carolina Maria de Jesus, que compõem as seções homônimas “Morte e Vida Severina” e “Quarto de Despejo”, também na parte III, parecem nos indicar respostas ou abrir novos questionamentos sobre outras catástrofes. Fazem-nos recordar sobre o que nos ensina Didi-Huberman, em “A imagem como rasgadura e a morte do deus encarnado”, em sua obra “Diante da imagem” (2010), fazendo também referência às palavras em francês *voir* (ver) e *savoir* (saber): buscar o visível juntamente com palavras, pensamentos e conhecimentos, ou seja,

questionar a certeza diante do visível e propor uma incerteza por meio de uma “rasgadura do olhar”.

Uma primeira aproximação para renunciar ao esquematismo da história da arte: a rasgadura. Abrir a imagem, abrir a lógica]. Abrir? Portanto romper alguma coisa. Pelo menos fazer uma incisão, rasgar. Do que se trata exatamente? De debater-se nas malhas que todo conhecimento impõe e de buscar dar ao gesto mesmo desse debate – gesto em seu fundo doloroso, sem fim – uma espécie de valor intempestivo, ou melhor, incisivo. Que pelo menos a simples indagação tenha adquirido, em algum momento, esse valor incisivo e crítico: tal seria o primeiro anseio (Didi-Huberman, 2010, p. 182).

Certamente, a partir dessa nova experiência escolar, de usar uma câmera, fotográfica ou filmadora, para registrar momentos cotidianos, e de observar os traços deixados nas imagens captadas pelo celular ou por outros aparatos tecnológicos, a História vista através dos furos nas imagens não passou mais despercebida. De posse dessa ferramenta simbólica da cultura contemporânea, dessa churinga moderna, os estudantes puderam perceber como têm à mão um profícuo objeto temporal que serve para costurar o tempo, conectando passado e futuro. E analisando as arranhaduras, as impressões, as insígnias deixadas em sua materialidade imagética – em foto-contos, foto-narrativas e foto-histórias, puderam ampliar seus conhecimentos, compreensões e reflexões sobre o ser e o estar no mundo.

• Referências

ANTUNES, I. **Língua, texto e ensino**. São Paulo: Parábolas, 2009.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Fontes, 1997.

BENJAMIN, W. **Magia e Técnica, Arte e Política**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

DIDI-HUBERMAN, G. Cascas. Tradução de André Telles. **Serrote**: Uma Revista de Ensaio, Artes Visuais, Ideias e Literatura, São Paulo, n. 13, p. 99-133, 2 mar. 2013.

DIDI-HUBERMAN, G. Cascas. **Diante da imagem**. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Editora 34 Ltda., 2010.

FREUD, S. (1895). Projeto de uma psicologia. In: **Obras isoladas de Freud**. (Trad. Osmyr Faria Gabbi Jr.). Rio de Janeiro: Imago, 1995.

MUNDO EDUCAÇÃO. UOL. Aborígenes Australianos. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/geografia/aborigenes-australianos.htm>. Acesso em: 20 out. 2024.

MUSEU DO AMANHÃ. Exposição Principal Nós. Disponível em: <https://museudoamanha.org.br/pt-br/nos>. Acesso em: 20 out. 2024.

RIVERA, T. **Cinema, imagem e psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 1995.

Parte I

**Foto-Conto:
produções audiovisuais
de coletânea doméstica**

A. CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO

- Professora Deise Nanci de Castro Mesquita

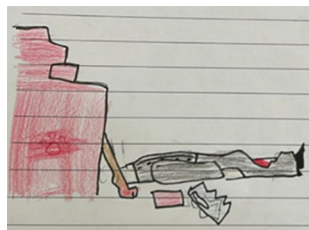
1. Beatriz Pimentel



2. Fernanda Martins Vieira



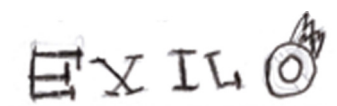
3. Heitor Alves Mesquita



4. Karoline Oliveira dos Santos



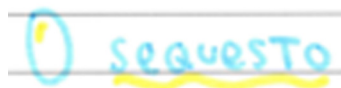
5. Marina Lima da Silva



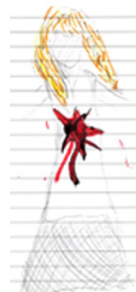
6. Maria Eduarda Souza Almeida



7. Rafael Augusto Damaceno



8. Rafaella de Almeida Alves



- Professora Maria Alice de Sousa Carvalho Rocha



1. Ayla Abbadia Oliveira Melo Braga



CHILE

2. Aurora Figueiredo Echalar



Santa da Bárbara

3. Bernado Gomes Teixeira



CRIANÇAS PRIMAVERA

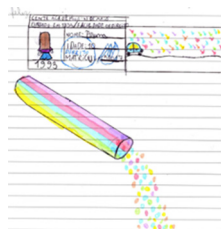
4. Dante Furtado Godoi



5. Ester Matos Lopes da Silva



6. Felipe Pereira do Carmo



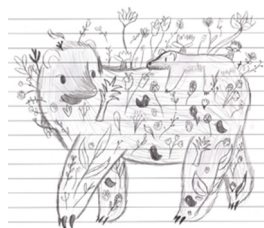
7. Francisco Lucas Mourão Moraes da Fonseca



8. Isadora Soares Barbosa



9. Izete Aparecida Lopes de Urzeda



10. João Luis Castro dos Santos



11. Jorge Serradourada Farah



12. Laura Cardoso Schuck



13. Mariana Maria Silva



9 O MISTÉRIO DE YÁRA 9

14. Miguel Magalhães Silva



15. Moisés Paolucco Quiroga



16. Olívia Gomes Belisário



17. Rafael Henrique Cirqueira Lopes



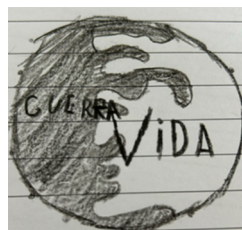
18. Samuel Martins Noletto



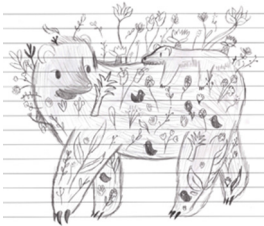
19. Tamara Nogueira de Deus



20. Tamara Nogueira de Deus



21. Victor Emanuel de Almeida Alves



B. CMEI VILLAGE ATALAIA (Atendimento Educacional Especializado)

- **Professora Mariana Cirqueira Ricardo da Silva**

1. Éric Gabriel Tavares da Silva



2. João Pedro Santos Milhomem



3. Nicolas Alexandre Batista Lopes

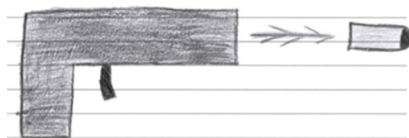


C. ESCOLA ALDEIA

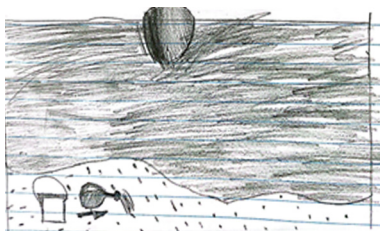
- Professora Cristina Moraes
- Convidada Moema Ribeiro Borges



1. Álvaro Amaral Gomes



2. Clarice Cortes Cabral de Mesquita



3. Helena da Cunha Cedro



4. Miguel Curado Brom Moraes



5. Miguel Vieira Bueno



6. Olívia Lens Cândida Fidelis



D. ESCOLA CASA VERDE

- **Professor Maykon Rodrigues dos Anjos**

1. **Ádria França Fretta**



2. **Antônio Bertocco Domingues**



3. Athena Almeida Hidalgo



4. Bruna Brandão de Oliveira



5. Elias Inácio Rodrigues Trindade



6. Heloísa Machado Fernandes



7. Isabela Bretas Abreu Soares



8. Melissa Borim Borges Andrade



9. Yan Vitor Barbosa de Souza



10. Yolanda do Vale Marra



11. Savana Andrade da Silva Prado Cardoso



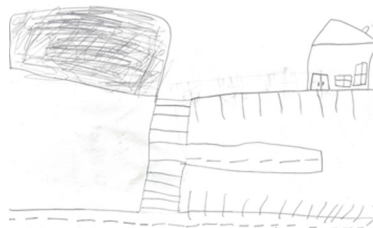
E. ESCOLA DE REDAÇÃO CRIAR CONTEXTO

- **Professora Danielle Gomes Geraes Lima**

1. **Ana Paula de Lima Ribeiro**



2. **Anny Vitória Gomes Oliveira**



3. Matheus Moraes



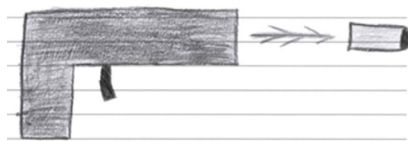
4. Nathália Castro Silva



F. ESCOLA SOL NASCENTE

- Professora Danielle Gomes Geraes Lima

1. Arthur Bortoloti Americano de Freitas



2. Manuela Ferreira de Melo



3. Maria Clara de Moura



4. Marina Melo Di Rossi



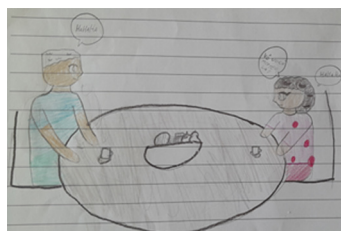
5. Sarah Cordeiro Guimarães



G. REDE PÚBLICA DE ENSINO DE GOIÂNIA

- Professora Adrielle Souza do Nascimento Aguiar
- Professora Patrícia Maria Jesus da Silva

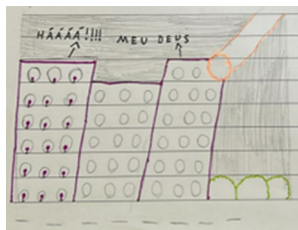
1. Ana Maria Crisostomo Silva



2. Eduardo Martins Alves



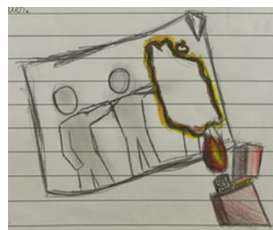
3. Ester Larisa Xavier da Silva Lima



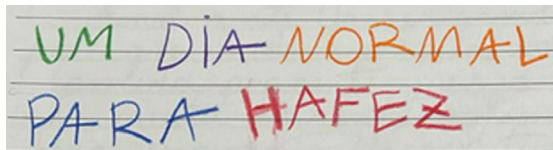
4. Geovana Pimenta Mendes



5. João Victor Soares Ferreira



6. Kamilly Victória Almeida de Sousa



7. Maria Clara de Sousa Nogueira



Parte II

Foto-Narrativa: produções escritas de acervo familiar

A escrita das produções textuais dos alunos
foi mantida em sua originalidade,
respeitando o letramento e o estilo de cada autor.

A. CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO

- **Professora Deise Nanci de Castro Mesquita**

1. Beatriz Pimentel – 1º ano – Ensino Médio



DOIS ANINHOS

Hoje estou com 18 anos, e esse foi meu aniversário de 2 anos, que aconteceu em 2007. Essa festa foi organizada pela minha madrinha, na casa dela. Esse dia ficou marcado para mim, pois brinquei muito com as minhas primas e uma delas é minha prima por parte de pai, que hoje em dia não tenho contato, pois não somos mais tão próximas. Me lembro também que comi vários doces e ganhei vários presentes. Nesse dia me recordo da minha família toda reunida, inclusive essa é a memória que mais me marcou. Hoje em dia é muito difícil de acontecer, pois minha família por parte de pai mora em outra cidade. Pude perceber na imagem, não me lembrava dessa decoração, algumas coisas diferentes que provavelmente eram brinquedos que minha madrinha organizou.

2. Karoline Oliveira dos Santos – 1º ano – Ensino Médio



MADALENA

Olhos pretos. Esses olhos pretinhos e pelagem branca me encantam. Suas mordidas e latidas me fazem lembrar de você. Suas orelhas cortadas são seu charme, e seu jeitinho dengoso me deixa alegre. Oh, Madalena, meus dias após sua chegada nunca mais foram os mesmos. Cada dia mais sua bondade me mostra como o mundo não está perdido.

3. Maria Eduarda Rinaldi – 1º ano – Ensino Médio



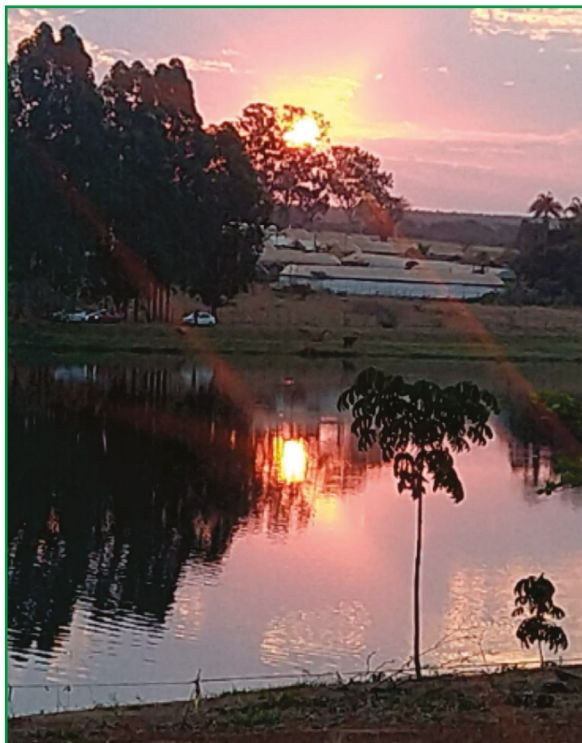
MEU JEITINHO

Uma foto e uma vivência, 6 (seis) imagens de uma memória com sabor de infância. Essas imagens resumem a minha infância, uma parte da minha vida repleta de amor, momentos felizes, perto de pessoas que infelizmente não estão mais aqui.

O vídeo fala sobre um momento meu, a foto se passa em 2010, eu tinha 3 anos. Era aniversário de uma prima minha, que hoje já não temos muito contato. Cito no vídeo sobre um urso de pelúcia que, a meu ver, naquela época era gigante.

Estas fotos me trazem um sentimento de nostalgia, uma época em que não ligávamos para nada, o importante era ser feliz. A imagem de uma criança feliz e espontânea que chamava a atenção com seu jeitinho.

4. Maria Eduarda Souza Almeida – 1º ano – Ensino Médio



LAGO AO PÔR DO SOL

Essa fotografia foi retirada quando fui para Leopoldo de Bulhões em sete de setembro de 2021. Eu fui para conhecer minha nova priminha, que nasceu três meses antes da visita. Bem, a minha família por parte de mãe mora toda por lá, então acaba que eu não vejo eles com frequência. É sempre uma alegria quando conseguimos nos reunir de novo e compartilhar momentos juntos.

Nas minhas visitas a Leopoldo de Bulhões, sempre que chegamos, a primeira parada é na casa do meu avô. Ele é um senhor que tem muitas histórias e receitas deliciosas, está sempre pronto para receber a família com um grande sorriso caloroso. Após passarmos algum tempo com ele, dirigimos até a casa da minha prima, que fica em frente ao lago.

A casa dela é um ponto de encontro familiar e, sendo em frente a um lago que é um ponto turístico da cidade, o ambiente é sempre vibrante. Normalmente, o lago está cheio de vida, com pessoas se banhando ou simplesmente apreciando a beleza do local. Há também aqueles que vão para andar de *jet ski*. O lago, com a água tranquila, é um cenário perfeito para momentos de paz.

Porém, nesse dia em específico, o lago estava incrivelmente calmo e sem muitas movimentações. A tranquilidade do lugar foi quase mágica, fazendo com que eu pudesse tirar uma foto do lago ao pôr do sol sem nenhuma interrupção. A luz dourada do sol se refletia na água, criando uma imagem perfeita que é difícil de descrever em palavras. O céu estava pintado com tons de laranja e rosa, enquanto a superfície do lago agia como um espelho, duplicando a beleza da cena.

Agora, toda vez que eu vejo essa foto, é uma lembrança de um dia perfeito, onde tudo parecia em sintonia. A imagem não apenas captura a beleza do pôr do sol sobre o lago, mas também traz uma sensação de paz e a felicidade que senti naquele dia. É um lembrete frequente de como pequenos momentos com pessoas queridas podem me trazer uma profunda sensação de calma.

5. Rafael Augusto Damaceno – 1º ano – Ensino Médio



A TODAS AS ESTRELAS

Água quente aos pés, vejo tudo colorido, pensativo. As árvores passam pela janela do carro tão rápido quando estão perto, mas as de longe demoram a sumir. Até hoje lembro da sensação de chegar ali pela primeira vez. Viajávamos em um celta prata, o coitado morria para nos levar dentro da cidade, imagine então o quanto não sofria para viajar quilômetros.

Sempre a mesma coisa, colocar a pulseira, subir ao quarto, guardar aquele mundo de coisas e esperar o protetor solar: “Você vai se queimar todinho, menino”, minha mãe também sempre dizia. Sabe, é um *dejavu* olhar essa foto e, mesmo sabendo o que ocorreu no dia, é uma felicidade poder relembrar como as coisas eram simples e felizes.

Entretanto, nada é tão perfeito quando se é criança. Essa foto fora o último registro e o último lapso de memória que eu tenho de uma amizade de lá. Quando se é pequeno, as conversas são muito mais fáceis e as amizades vêm aos lotes. Conheci ali uma menina chamada Aya, minhas lembranças falham bastante, mas ela era muito alegre, energética, e, claro, eu era o dobro.

Foram 5 dias de puro apocalipse formado por duas crianças sem supervisão dos pais. Jogamos corantes nas piscinas, roubamos alguns picolés (mais tarde soube que todos os sorvetes eram de graça), formávamos guerras de pedri-

nhas com outras crianças, brincávamos de todas as brincadeiras possíveis e, o mais divertido, batíamos nas portas de outros apartamentos e corríamos mais rápidos que os flashes de luz das câmeras.

A vida passou tão rápido quando eu tinha 9 anos, talvez tudo aquilo fosse um último momento em que era possível contar estrelas no céu. Aya iria embora um dia antes de eu também voltar para casa, então no quarto dia faríamos tudo o que tivéssemos vontade. Corremos, escondemos, inventamos e rimos tanto que lembro todos os sons das nossas vozes até hoje. Ao fim do dia, quando o sol saía triste por não conseguir um beijo de sua amada lua, deitamos no chão e começamos a imaginar o futuro, quem nós seríamos quando crescer. Aya queria tanto ser atriz, daquelas mais impactantes e lindas que víamos na TV, eu queria muito fazer filmes, o que contribuiu para que fizéssemos uma promessa: em todos os meus trabalhos Aya iria me ajudar e fazer parte do elenco, faríamos filmes juntos quando adultos. Pensávamos em histórias de guerras, heróis e vilões, detetives, fantasmas, homens malvados e mulheres espertas.

Nessa conversa também apareceram aquelas vontades de criança, mas que permanecem conosco mesmo que veladas. Eu queria ser alguém forte e inteligente, porque meu vô dizia que só esses homens conseguem o que querem, hoje penso diferente do meu avô, mas ainda há um átimo de verdade nessa conjectura. Porém, quando perguntei à Aya, ela me respondeu algo que ainda hoje compartilho uma vontade feroz de realizar, ela queria poder voar. Mas não voar acima das nuvens, ela queria ir mais alto que ninguém nunca foi, queria pegar as estrelas no céu e guardar no bolso, queria pegar toda a terra vermelha de marte e atravessar júpiter com uma largada. Isso era tão fantástico, até mesmo para mim, que tinha em mente tanta fantasia.

A noite chegou, e com ela o sabor de ervilha da despedida, até essa idade todas as promessas são fortes, mas o cumprimento delas são vazios. Aya saiu de lá às 22 horas, eu me senti só, mas como iria embora dali a um dia acabei por me tranquilizar um pouco mais. Entretanto, é ao final do quinto dia, na noite de mais solidão, que todos os meus sonhos e fantasias se mostraram tão reais como os pequenos veios de luz dos postes no exterior do quarto, que desafiavam toda aquela escuridão infundável e cética. O que direi a seguir, caro leitor, pode não ser de seu agrado; como disse mais cedo, quando tentamos relembrar a in-

fância, nossa memória é carregada por fitas faltando pedaços. Mas, por favor, acredite, digo tudo ao que meus olhos se fizeram testemunhas e minha alma se fez cúmplice.

Ali deitado no colchãozinho, ouço a porta se abrir. O quartinho era composto por uma cama ao lado esquerdo do meu colchão, onde dormia meu pai, minha mãe e meu irmãozinho. Na minha direita estava um guarda-roupa e uma porta, que no meio daquela noite, se abriu bem devagar. Passos vaguearam naquela ausência de som, e logo veio a voz que tanto me adocicou os ouvidos naquelas férias. Era Aya, em carne e osso, presente ao pé do meu colchão. “Nunca esqueça a nossa promessa, venha me procurar, por favor.” Me arrependo de não ter a coragem de conversar com ela naquele momento, apenas me levantei e toquei sua mão, para ter a certeza do grau de realidade daquele momento. Ela segurou minha mão e me levou para fora do apartamento. Já no lado de fora, Aya soltou minha mão e disse com uma voz doce: “Um homem me disse que eu poderia pegar quantas estrelas eu quisesse, então vou guardá-las para você, entendeu?”. Balancei a cabeça como um sim, seus olhos criaram um brilho que se intensificava a cada minuto e tinha a certeza de que se continuasse os encarando ficaria cego. Aya então me deu um beijinho na bochecha e se despediu. “Tenho muita coisa para te contar, mas tenho que ir logo, espero te ver de novo, Daniel!”. Por fim, aquela pequena menina se encheu de luz, uma iluminação azul que saía de dentro para fora que dominou sua imagem completamente, e então ela subiu rápida e graciosa aos céus.

Disse a ti leitor, que não se espantasse com tão pouco, pois o que tenho a dizer é possível que te faça ser menos duro com a imaginação. Hoje termino o meu primeiro projeto, amanhã enviarei todos os papéis e planejamentos para o início das gravações. Escrevo isso pois o lapso de memória do brilho daquela garota me invadiu completamente há algumas horas, então escrevo esse texto para que fique como uma recordação, uma fotografia dessa lembrança. Quando adentrei meu quarto nessa noite de julho, vejo que em minha cama há centenas de pedrinhas brilhantes e a janela à frente está escancarada. Olhei para fora por tempos que não contei por estar completamente preso à magia do corpo deslumbrante de Aya: todo aquele céu.

- Professora Maria Alice de Sousa Carvalho Rocha



1. Aurora Figueredo Echalar – 2º ano – Ensino Fundamental



MINHA NANANA

Essa foto foi tirada alguns anos atrás porque já tenho 7 anos. Nessa foto eu tinha 2 meses.

Nessa foto eu estava dormindo com minha Nanana, com o cabelo todo desarrumado e eu acho que dormia no sofá. Ah, esqueci de dizer, mas até hoje tenho minha Nanana.

2. Bernardo Gomes Teixeira – 2º ano – Ensino Fundamental



PRAIA

Nessa foto estou no Aeroporto de Goiânia. Eu estava viajando com a minha família para a praia.

Estava de máscara, pois era na época da pandemia da covid. Ninguém podia ficar sem máscara.

Na praia eu fiquei uma semana, brinquei na areia e dormi no hotel.

3. Davi Castro Alves – 2º ano – Ensino Fundamental



CORAÇÃO GRANDE

Um dia eu viajei para Natal, no Rio Grande do Norte, lá tem muitas praias. A minha mãe me levou numa praia muito bonita.

Nessa praia a minha mãe tirou uma foto de mim. Eu estava no meio de um coração. O coração era grande, grandão e vermelho.

Eu pedi pra minha mãe comprar uma lembrancinha para eu dar de presente pra minha professora Maria Alice.

4. Dante Furtado Godoi – 2º ano – Ensino Fundamental



FOLIA DE REIS

Eu tinha 6 anos e fui na Folia de Reis. Essa festa acontece todo ano perto da minha casa, na Praça da Matriz, no bairro de Campinas, em Goiânia. É uma festa que tem reza, palhaço, música e brincadeiras.

Nesse dia eu cutuquei os palhaços e saí correndo. Minha pediu pra eu voltar neles e dar um dinheirinho, pois é costume eles receberem.

Eu voltei neles, dei uma moeda de 50 centavos para cada um, tirei fotos e um deles puxou minha perna de brincadeira.

Caí no chão e foi engraçado. Todo ano vou nessa festa.

5. Gabriel Diniz – 2º ano – Ensino Fundamental



ADORO SURFAR

Eu estava na praia com quase toda a minha família. Essa praia fica em Porto de Galinhas, em Pernambuco. O nome dela é Maracaípe.

Eu encontrei uma porção de algas na areia e fui brincar com elas. Acabei colocando na minha cabeça.

Minha mãe viu e achou muito engraçado, pois parecia o meu cabelo e tirou uma foto.

A praia era muito bonita e eu tinha 4 anos. Lá eu comprei uma prancha e surfei várias vezes, mas não em pé. Algumas vezes caí e outras meu irmão e minha prima também.

Toda vez que viajo para alguma praia eu levo a prancha. Eu adoro surfar.

6. Izete Aparecida Lopes de Urzeda – Mestranda (PGEEB/CEPAE/UFG)



TRANSIÇÃO DE VIDA

Nesta foto, eu estou fazendo uma fala para as minhas colegas de encerramento do ensino médio em uma instituição pública, a única escola de ensino médio da cidade. A turma era pequena, composta por treze garotas e um garoto. Na época eu morava em uma cidade bem pequena, aqui do inteiro de Goiás. Nós realizamos apenas um culto ecumênico. Esta pessoa que está ao fundo é o pastor da igreja.

Essa foto é bem significativa, pois neste momento estou fazendo uma transição de vida, quando eu termino o ensino médio, venho para Goiânia, passo no vestibular e logo no finalzinho do ensino superior eu passo no concurso público e me torno professora.

Poderia ter feito outras coisas, porque sou licenciada em psicologia, mas preferi seguir a carreira do magistério. E depois de vários anos estou concursando o mestrado também em uma instituição pública. Isso para mim tem um valor muito grande, pois quando fiz a opção pelo magistério, para ser professora, eu a fiz pensando em uma educação pública de qualidade. Escolhi esta fotografia por ser um momento muito importante na minha vida e olhando para ela tive a oportunidade de reviver, rememorar tudo isso.

7. João Luiz Castro dos Santos – 2º ano – Ensino Fundamental



CASA MENOR E CACHORRO

Essa vez eu estava com 7 anos na minha antiga casa.

Nessa foto eu estava com minha mãe e o meu pai. Ele estava fazendo cosquinha em mim.

Essa é uma das fotos mais antigas que eu tenho. Meu irmão Pedro não tinha nascido ainda.

Eu gostava muito dessa casa porque ela era menor, mas tinha um espaço grande na frente e nosso cachorro ficava lá.

8. Jorge Serradourada Farah – 2º ano – Ensino Fundamental



CACHOEIRAS DA CHAPADA

Era uma vez que eu estava em uma cachoeira, lá na Chapada dos Veadeiros, com minha família.

A gente estava com muito frio! E aí chamei meu irmão para brincar na areia e aí ele falou sim e a gente foi brincar. A gente fez um castelinho e brincou muito.

A gente saiu muito feliz e voltou para a casa.

E você, gostaria de ir nas cachoeiras lá da Chapada?

9. Kelly Santina Rodrigues Costa – 2º ano – Ensino Fundamental



MINHA RAINHA

Eu tinha 5 anos e era muito brincalhona. Eu amo minha família demais e é muito bom.

Era sexta-feira e esse dia é o meu preferido porque está chegando o sábado e o domingo. No domingo, minha mamãe fazia bolinho de chuva, e era gostoso demais.

Minha mãe é linda e eu amo, ela é a minha rainha, nunca vou deixar ela.

10. Laura Cardoso Schlick – 2º ano – Ensino Fundamental



JOJÓ, JUJU...

A Jojó é muito fofinha, ela bica ka ka ka. Ela bica minha orelha e faz cosquinhas no meu pescoço.

Ela gosta de ficar na minha avó e a Juju fez um cocô na mesa de jantar. Ela gosta de ficar lá fora e gosta de bater as asas.

Eu também tenho pintinhos. São dois e eles gostam de ficar na terra e gostam de ração, gostam de dormir e conseguem voar.

No meu aniversário eu vou ganhar um porquinho da Índia, ele gosta de ficar no buraquinho e faz cocô e xixi toda hora.

11. Moisés Paolucci Quiroga – 2º ano – Ensino Fundamental



EU BEBÊ

Eu escolhi a foto em que a minha mãe estava grávida de mim.

Ela estava em São Paulo com meu pai, na casa do meu avô Rubem.

Eu gosto dessa foto e eu acho ela bonita. Ela é uma foto colorida e foi tirada por meu avô, eu acho.

Eu sou o penúltimo filho e agora tenho 8 anos. Já morei um pouquinho em São Miguel do Araguaia, em Iporá e agora em Goiânia. Eu gosto de jogar futebol com meu pai e com minha mãe dobro roupas, ajudando no serviço de casa.

12. Tamara Nogueira de Deus – Mestranda (PPGEEB/CEPAE/UFG)



DIVERSIDADE NA PRIMAVERA

Meu nome é Tamara, sou professora de Educação Física, e atualmente trabalho com Expressão Corporal na Instituição Corae, que é um Centro de Orientação, Reabilitação e Assistência ao Encefalopata.

Nesta imagem, somos presenteados com uma cena linda, com um grupo de crianças, todas com necessidades especiais, participa de uma apresentação de dança, no Parque Flamboyant aqui de Goiânia, para celebração do início da primavera.

Nós professoras da instituição CORAE, que nos dedicamos a trabalhar com esse público, viemos por meio da representação artística, simbolizar a busca por visibilidade e inclusão em nossa sociedade.

O cenário do parque a nossa frente, nos presenteia com as cores vibrantes que a natureza nos proporciona, as vestimentas e flores no cabelo, refletem o renascimento e a esperança que a nova estação traz. A música que escolhi para essa dança foi “Tá caindo fulô, que é uma Interpretação da Banda Casa de Fari-nha e ao final da apresentação, jogamos pétalas de rosas para o alto.

As crianças são o reflexo da diversidade e da alegria da primavera. Embora ainda no colo, pela dificuldade motora, a presença no palco é carregada de significado e emoção, destacando a importância da inclusão e acessibilidade a todos. Nós professoras, com carinho e dedicação, seguramos as crianças, enfatizando a conexão emocional e o apoio contínuo que oferecemos.

As atrações escolhidas para um sábado à tarde, em um ambiente tão agradável, atrai um público animado para a comemoração, que visivelmente emocionado, aplaudiu calorosamente, reconhecendo o esforço e a dedicação dessas crianças incríveis e de nós educadoras. Este momento no palco é mais do que uma simples apresentação; é uma poderosa declaração sobre a importância de dar voz e espaço às pessoas com deficiência em nossa sociedade.

A presença dessas crianças na celebração da primavera simboliza o potencial de renovação e transformação, mostrando que todos, independentemente de suas habilidades, têm o direito de serem vistos e valorizados. Este evento não apenas destacou a representatividade das crianças, mas também desafiou preconceitos, convidando todos a refletirem sobre a beleza da diversidade humana. A imagem captura um momento de união, onde diferenças são celebradas e a igualdade é afirmada.

B. CMEI VILLAGE ATALAIA (Atendimento Educacional Especializado)

- Professora Mariana Cirqueira Ricardo da Silva

1. Éric Gabriel Tavares da Silva – 5º ano – Ensino Fundamental



A HISTÓRIA DA FOTO

Eu tirei uma foto com meu pai há 5-8 anos na frente de uma igreja. Não me lembro de nada do dia, porque tinha idade jovem, mas minha mãe me contou que as roupas de Ayrton Senna estão na igreja do fundo da foto.

2. João Pedro Santos Milhomem – 2º ano – Ensino Fundamental



MACHUQUEI MINHA PERNA

Uma vez eu estava em Brasília e machuquei minha perna no escapamento de um Audi. Era um Audi TT raro.

3. Nicolas Alexandre Batista Lopes – 3º ano – Ensino Fundamental



A CASA DO BARCO

Eu fiquei no barco com o tio Luan e com a Lury. Pesquei um peixe, daí dirigi o barco e fiquei na praia. Eu achei o passeio legal! Dormi na praia com a Bella em uma barraca e peguei um montão de gravetos para acender uma fogueira.

4. Nicolas Alexandre Batista Lopes – 3º ano – Ensino Fundamental



TIGRÃO

Eu sou Tigrão! Eu gosto do Vila Nova. Fui ao estádio com meus pais. Minha, mãe, meu pai e todas as pessoas estavam torcendo para o Vila Nova. No estádio tinha fogos e estava escrito ESQUADRÃO.

C. ESCOLA ALDEIA

- **Professora Bárbara Miguel**

1. **Bernardo Correa Rosolem – 5º ano – Ensino Fundamental**



JEFERSON ZLATAN

O menino era magro, cabelo bom, tinha olhos azuis, era indiano e tinha descendência sueca, só usava uma camiseta escrito “game – over” e um ar de triste, parecia que ele tinha um monte daquelas no armário, tinha um cabelo muito liso, preto com mechas verdes e sempre usava o cabelo amarrado, usava um short preto e um chinelo preto Kenner. Ele mora no Rio de Janeiro, ama ir pra praia e surfar, também ama futebol e torce pro Fluminense.

Era muito humilde quando tinha 7 anos e a mãe e o pai foram despejados de uma casa por um cara famoso. Depois de alguns anos o menino virou dono

de um hotel na Suíça. O cara famoso foi passar uns dias naquele hotel e o menino não deixou. Ele era o dono da casa onde a família tinha sido despejada sem ter feito nada. Jeferson hoje tem 23 anos e é dono de 4 redes de hotel pela Suíça. É bastante grato pela sociedade.

2. Bernardo Rocha Pacheco – 5º ano – Ensino Fundamental



A INFÂNCIA INVISÍVEL DE PEDRO

Havia um menino chamado Pedro, de cabelo médio, olhos marrons sempre usando uma camisa.

Até que um dia Pedro foi para o teatro e se apaixonou pelo teatro. Quando Pedro vira um adulto, o pai de Pedro, Joaquim, deu a Pedro um teatro de presente de aniversário e desde então ele é o dono do teatro e organiza muitos shows e eventos.

Pedro estava por alguns meses pensando em fazer um show de talentos que quem ganhasse ganharia R\$ 1.000 reais, mas Pedro não viu e nossa Kiki espalhou os panfletos pela cidade.

No próximo dia Pedro viu muitas pessoas em sua porta e estranhou porque tinha tantas pessoas, sendo que eram só “R\$ 1.000 reais.”

O concurso começou, mas Pedro mal sabia que o prêmio seria de R\$ 10.000 reais. Muitas pessoas estavam indo bem; até uma girafa participou e depois de um tempo Pedro decidiu que iria ganhar a GIRAFA! E quando abriu e entregou os R\$ 1.000 reais a Girafa ficou confusa, e ela perguntou a Pedro “Por que aqui só tem 1.000 reais?” Pedro confuso viu que a Girafa estava ficando brava, então Pedro correu para casa e nunca mais foi visto.

3. Helena da Cunha Cedro – 5º ano – Ensino Fundamental



CRIANÇAS PRIMAVERA

Alexandra era uma pequena criança, cabelos claros e bochechas rosadas, viera da Alemanha para o Brasil por causa de uma crise econômica que abalara sua família. Vivia toda noite com medo do escuro e pedia que sua avó lhe falasse sobre as belas e pequenas coisas da vida. Às vezes lhe falava sobre as formigas na terra, outras vezes sobre os campos de girassol: os belos contos de Primavera.

Quando caía a chuva Alexandra não se guardava nos guarda-chuvas, ela se abria como as belas flores alemãs. Quando tinha medo dos males seres, ela se cobria no brilhante véu da noite e pensava na sua casa no inverno e nos seus parentes que viraram estrelinhas e dormia sob sua proteção. Alexandra amava os parques ensolarados e as praias, lá pegava conchinhas tratando-as como seus tesouros e os botava em potinhos para enterrar junto com os tristes pensamentos. Só restava alegria.

Cresceu e virou escritora. Escreve sobre a sua infância e de várias outras crianças. Ainda se lembra das conchinhas enterradas sob o negro brilhante manto noturno, da sua amada avó que virou estrelinha. Também sobre os momentos tristes, pois sem eles não há sorrisos ou a meiga alegria. Conta sobre os inesquecíveis contos de primavera quando as flores vieram e levaram as meigas crianças. Por onde devem estar?

4. Lucas Gomes Pires Collet – 5º ano – Ensino Fundamental



FESTA DA BÁRBARA

Em setembro de 1987 houve uma festa de aniversário da Bárbara. Ela estava muito feliz porque ganhou muito presente.

Bárbara era loira e fortinha. Ela gostava de brincar, correr e divertir.

A festa tinha um delicioso bolo de chocolate que ela amava muito e estava fazendo 4 anos de idade.

Na festa aconteceu algo muito estranho: um fantasma apareceu na festa e todos foram para um campo de concentração. Era só uma brincadeira e o fantasma era o pai da Bárbara. O campo era um cenário.

Bárbara era uma criança feliz e alegre. A família era muito feliz.

5. Marina Schineider de Paula Costa – 5º ano – Ensino Fundamental



O SEQUESTRO

Ela era japonesa, de descendência italiana e australiana. Quieta, era extremamente branca e estudiosa. Ela nasceu no Japão, mas foi retirada dos pais no mesmo dia que nasceu. Em cinco dias foi levada para uma família chinesa. Nessa família foi rejeitada. Depois de quatro dias foi levada a uma família coreana que aceitou a menina. Ela ia morar em Seul. Quando cresceu, ela amava sua família que era composta pelo pai (adotivo) a mãe (adotiva) 4 irmãs e 3 irmãos (que ela achava que eram do mesmo sangue) e ela mal sabia que era adotada.

Com 12 anos, ela começou a suspeitar que não pertencia à família, então ficou estudando muito e lendo bastante. Seus pais achavam aquilo muito estranho, mas pensavam que só estava se divertindo ou algo do tipo. Um dia antes de seu aniversário de 13 anos ela descobriu que era adotada.

Então ela foi conversar com a “família”, e eles acabaram brigando.

Ela foi sair de casa para esfriar a cabeça, foi até uma praça e se sentou no banco. Como era noite, um cara tampou sua boca, amarrou suas mãos e seus pés, colocou ela no carro para sequestrá-la. E ele a levou para Pusan. Assustada, desprende suas mãos e seus pés para tirar a fita da boca e chamar a polícia. Quando pegou o celular para digitar, ouviu passos, então passou a corda pelos pés e colocou a fita na boca e passou a corda na mão. Não havia ninguém lá, então ligou para polícia que foi até local e ajudou a menina a voltar para casa. Quando voltou todos estavam emocionados. Ela estava traumatizada, e até hoje está fazendo terapia. Ela já está com 34 anos.

6. Miguel Vieira Bueno – 5º ano – Ensino Fundamental



EXÍLIO

Silvia, uma mulher de cabelos lisos e roupas sociais clássicas, bege, trabalhava como atriz na rede Globo em São Paulo.

Viajou para Alemanha, um lugar para ver antigos amigos de Faculdade. No dia que chegou, foi um fatídico dia de 1954, e ela não podia voltar.

Ao final de 25 anos longe de casa, chega na bela noite de 1984. Ela encontrou seu disco de vinil, encontrou o piano e chorou ao ouvir a sua própria música.

D. ESCOLA CASA VERDE

- **Professor Maykon Rodrigues dos Anjos**



FOTONARRATIVAS

As histórias que se apresentam são um recorte das múltiplas narrativas audiovisuais compartilhadas por estudantes da Escola Casa Verde durante o Projeto Churinga, em 2024. São histórias de fotografias domésticas, experiências de viagens e vivências na escola. Cada criança, com idades entre 5 e 10 anos, escolheu uma fotografia com a ajuda de sua família. Posteriormente, as histórias que adicionam sentidos a esses registros visuais foram compartilhadas a partir do contexto, personagens, significados afetivos, familiares e sentimentais.

Em seguida, as respectivas fotonarrativas repletas de histórias de vida foram manuscritas, coincidindo neste trabalho. As produções textuais das crianças, portanto, compõem exercícios de revisita às suas memórias, oportunizando narração e autoria que as enfatizem enquanto protagonistas de suas próprias histórias. As atividades do Projeto Churinga foram vinculadas às oficinas de Fotografia e Cinema, ministradas pelo professor Maykon Rodrigues, em parceria com as professoras Mayra Aline e Flávia Almeida, cuja perspectiva orientadora está no ouvir e conversar com as vivências infantis, numa relação de partilhas e reciprocidade.

Tudo isso, em diálogo com o projeto anual da Escola Casa Verde, que em 2024, trabalha a temática da Convivência. Nesse contexto, as narrativas audiovisuais continuam a acontecer na casa das crianças. Num convite a rememorar as próprias origens, pais, mães e avós foram convidados a escolher uma fotografia e contar a história daquele instante que alguém congelou. Quase sempre, instantes de convivência e afeto.

1. Athena Almeida Hidalgo – 2º ano – Ensino Fundamental



UHUUUU!

Eu estava de férias. Fui para a Bahia com minhas quatro tias, com meu primo, com minha mãe. Quando fui para a ponta do barco com meu primo, eu falava “uhuuu”, porque eu estava muito feliz. Foi a primeira vez que andei de lancha, de barco. Amei aquele dia. As férias foram há alguns meses. Eu amei essa foto. Quando eu estava na ponta do barco, parecia que eu estava voando. Parecia um passarinho. Foi muito legal esse dia.

2. Bruna Brandão de Oliveira – 1º ano – Ensino Fundamental



MEU ANIVERSÁRIO

Meu nome é Bruna e hoje eu venho contar a história dessa foto. Era o meu aniversário.

Minha mãe estava meio doente e ela teve que tirar sangue direto das veias.

Esperamos um pouco, sentamos na cadeira e tiramos esta foto. Gravamos vídeo e depois fomos ao McDonald's comprar sorvete de baunilha com cauda de chocolate branco. Depois fomos em uma loja e compramos a slime do Stitch. Isso foi tudo.

3. Elias Inácio Rodrigues Trindade – 1º ano – Ensino Fundamental



FESTA EM MINAÇU

Eu já fui mil vezes para Minaçu. Foi eu, minha irmã, meu pai e minha mãe. Foi legal. Estava na Festa dos Descendentes de Jerônimo e Alquina. Eu amei muito.

4. Heloísa Machado Fernandes – 3º Ano – Ensino Fundamental



PIRENÓPOLIS

Oi, meu nome é Heloísa e tenho nove anos. Fui para Pirenópolis com essas pessoas: minha mãe, meu pai e eu, minha tia com o namorado e os dois filhos dela. Eu cacei presentes, soltei foguetes, fui na cidade, comi churrasco, tomei sorvete, fui na cachoeira, tomei banho de piscina e também usei meu bote e meus brinquedos e ganhei uma bola de vôlei. Foi em 2024.

5. Olívia Gomides Porto – 5º Ano – Ensino Fundamental



MINHA TURMA

No dia da foto, eu e minha turma estávamos na sala no meio da transmissão do projeto Churinga. Era uma quarta-feira, dia 04 de setembro de 2024. Nós falamos sobre as fotos de viagem ou um dia em casa e estávamos na oficina do professor Maykon, de Fotografia e Cinema. Foi legal e quem tirou a foto foi a professora Elzita Lima que estava assistindo a transmissão junto com a gente.

6. Savana Andrade da Silva Prado Cardoso – 4º ano – Ensino Fundamental



AMO CACHORROS

Eu, nessa foto, estava na minha casa em 2018 ou 2019. Minha cachorra tinha tido filhote. Eu amo cachorros. Quando eu ia para a escola, ficava o dia todo pensando neles. Quando eu chegava em casa, eles corriam para perto de mim.

7. Yan Vitor Barbosa de Souza – 2º ano – Ensino Fundamental



NAVE DE REFRIGERANTE

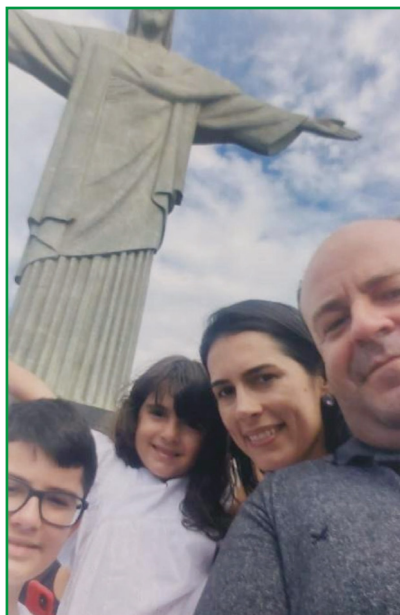
Oi, eu sou o Yan. Essa vez aqui foi quando eu estava montando o lego. Eu montei uma nave vendedora de refrigerante, mas foi muito doido. Aí eu fiquei brincando, brincando e demorou para eu fazer. Tentei fazer de novo, só que eu não conseguia.

Eu tinha desmontado uma vez e eu fiquei triste, mas nessa vez foi muito legal.

E. ESCOLA DE REDAÇÃO CRIAR CONTEXTO

- **Professora Danielle Gomes Geraes Lima**

1. **Arthur Bortoloti Americano de Freitas – 6º ano – Ensino Fundamental**



A SEGUNDA MELHOR VIAGEM DA MINHA VIDA

Lembro, com alegria, de uma viagem que fiz ao Rio de Janeiro, metrópole do Brasil mundialmente conhecida por suas belas praias e uma exuberante arquitetura.

Em comemoração ao meu aniversário, meus pais presentearam-me com uma incrível viagem para esta cidade. Fiquei muito animado, pois era um sonho visitar essa luxuosa e exuberante cidade.

Após dois dias de viagem, decidimos visitar os famosos pontos turísticos, dentre eles, o Cristo Redentor, uma das sete maravilhas do mundo moderno, de acordo com a UNESCO. Essa é uma linda homenagem a Jesus Cristo e é um grande exemplo sobre como a religião e a cultura afetam a arquitetura de um lugar.

Minha mãe adora tirar fotos, então, não pensou duas vezes e fotografou o momento de uma visita nossa a um ponto turístico. O local tinha uma incrível vista de toda a cidade. As belas praias e monumentos tornam o Rio de Janeiro um lugar maravilhoso para olhar e descansar.

As fotografias são uma incrível amostra de recordação e tornam momentos incríveis em uma memória eterna.

2. Ana Paula de Lima Ribeiro – 7º ano – Ensino Fundamental



O PAGAMENTO DA FOTOGRAFIA GRATUITA

Em uma festa de pecuária – festividade onde tem barraquinhas de comida, brinquedos para as crianças, exposição de máquinas agrícolas e rodeios – acompanhada de meu pai e meu irmãozinho, fui me divertir.

Lá, resolvemos comer um pastel de carne e queijo super delicioso. Assistimos ao rodeio e foi super divertido.

Logo após assistirmos a abertura do rodeio com fogos de artifícios, um moço nos parou para oferecer fotos gratuitas, então fomos e fizemos várias poses.

Depois de uns dois meses, esse fotógrafo foi lá em casa levar as fotos. Ele estava cobrando duzentos reais pelas fotos que deveriam ser gratuitas!

Enfim, pagamos e não nos arrependemos, pois agora estamos com boas lembranças dessa pecuária.

3. Anny Vitória Gomes Oliveira – 6º ano – Ensino Fundamental



UMA VIAGEM DE MUITA DIVERSÃO

Em junho de dois mil e vinte e quatro, eu e minha família fomos passar um final de semana em Caldas Novas. Quando chegamos lá, fomos procurar o nosso hotel.

Eu e meus primos estávamos muito animados para entrar na piscina e nos divertir, mas como já era noite, não pudemos ir para a piscina.

No primeiro dia, passeamos no parque da cidade e jantamos em um restaurante. Foi super legal conhecer a cidade e suas atrações.

No segundo dia, eu e meus primos acordamos super animados e fomos correndo brincar nas piscinas. Lá, tinha um tobogã muito legal no qual nós amamos escorregar. Em outra piscina, havia uma sauna da qual eu não gostei muito.

No último dia do passeio, nós passamos o dia inteiro brincando na piscina. Um fotógrafo pediu para nos fotografar. Meus pais amaram os registros feitos pelo fotógrafo e compraram algumas imagens. Agora, tenho um registro dessa diversão com os meus primos. Quando crescermos lembraremos com saudades todas as emoções vivenciadas por essa fotografia.

4. João Carlos Castro – 3º ano – Ensino Fundamental



UBATUBA

Em 2023, eu e a minha família fomos para a praia. Essa foi uma viagem que me deixou emocionado, porque foi a primeira vez que vi o mar.

Nesse dia, eu estava tão feliz que me perguntei se era sonho ou realidade.

Lá na praia, eu ganhei uma prancha e fui aproveitar as águas salgadas do mar.

Viajar para Ubatuba foi uma verdadeira aventura, pois a viagem de carro foi uma bagunça divertida. Nós cantamos e jogamos enquanto o meu irmão chorava para ir sentar no colo da mamãe.

Guardo as fotos desse passeio no meu coração com muito carinho.

5. Manuela Ferreira de Melo – 7º ano – Ensino Fundamental



PROMOVIDA À IRMÃ MAIS VELHA

Quando eu tinha sete anos, precisamente no ano de dois mil e dezesseis, recebi, com pulos de alegria, a notícia de que minha mãe estava grávida. O meu coração bateu muito forte, batia a ponto de eu achar que sairia pela boca.

Com o avançar da gestação, minha mãe marcou vários ensaios fotográficos. Registramos a espera do meu irmão com fotos realizadas em casa e também em outros locais. Todos os ensaios foram feitos por fotógrafos profissionais. Entre todas as fotos, aquelas que eu mais gostei foram as que fizemos em nossa casa.

As lembranças que tenho desses momentos ficaram registradas em fotografias que permitem a mim relembrear cada instante. Essas são memórias carimbadas em meu coração. Cada momento vivido pode ser lembrando por meio das fotografias que nos impulsionam a lembrar de cada detalhe.

6. Miguel Junqueira – 6º ano – Ensino Fundamental



PESCARIA NO RIO ARAGUAIA

Em uma quarta-feira à tarde, eu estava preparando o meu equipamento de pesca. Eu estava na cidade de Bandeirantes, estado de Goiás, no Rio Araguaia.

Logo após me preparar, saímos para pescar em um barco a motor. Após muito tempo, já era noite, e mesmo depois de várias tentativas não pescamos nada.

Em seguida, decidimos atracar em outro banco de areia. Tentamos por duas horas e então consegui fisgar um peixe. Fiquei muito contente, pois o meu sonho era pegar aquele peixe.

No dia seguinte, fomos pescar novamente. Estávamos com muita expectativa de encontrar algum cardume. Nesse dia, fiz uma foto com o meu equipamento de pesca e, agora, revendo essas fotos, a imagem me fez lembrar dessa divertida pescaria no Rio Araguaia.

7. Matheus Moraes – 6º ano – Ensino Fundamental



UMA GRANDE SURPRESA

Oi, meu nome é Matheus e eu sou um jovem estudante de onze anos de idade. Hoje eu irei contar uma história a partir de uma fotografia minha.

Para poder contar o quanto o dia dessa foto foi importante para mim, preciso contar sobre alguns anos antes, onde tudo começou.

Desde o meu primeiro ano de vida, os meus pais sempre comemoraram o meu aniversário com amigos e familiares, só que, no ano de 2016, o meu aniversário foi diferente, pois o meu irmão Pedro nasceu no mesmo dia e, desde então, nós comemoramos nosso aniversário juntos e a cada ano um de nós escolhe o tema da decoração.

No ano passado, nós não estávamos concordando com o tema da decoração da nossa festa e, junto com os nossos pais, decidimos que em vez de fazer uma festa de aniversário, iríamos passar o fim de semana em Caldas Novas, que é uma cidade turística com vários clubes e parques aquáticos.

Então, viajamos na sexta-feira e voltamos no domingo à tarde. Quando chegamos em casa, ao abrir o portão, tivemos uma surpresa. Os nossos familiares fizeram um aniversário surpresa para mim e para o meu irmão.

Tudo aquilo foi muito emocionante e divertido, pois tinha um cheiro de alegria no ar e um saborzinho de felicidade misturada com bondade. Tudo foi tão bom que chega a ser indescritível.

Obrigado, querido leitor, por ler essa minha memória.

8. Nathália Castro Silva – 6º ano – Ensino Fundamental



O ANIVERSÁRIO MAIS DIVERTIDO DA NOSSA FAMÍLIA

Certo dia, eu e a minha família celebramos o aniversário da minha avó Maria, a mulher mais batalhadora e guerreira que conhecemos. Ela nunca tinha recebido uma festa de aniversário surpresa, portanto decidimos realizar essa comemoração.

Nós nos reunimos na casa do meu avô, local bem próximo da casa dela. Depois que preparamos tudo, fomos para a casa da minha avó. Esperávamos um belo e grande sorriso, mas, ao chegarmos lá, nos deparamos com uma enorme tromba e cara fechada. Esse momento foi uma comédia, mas ninguém teve coragem de rir.

Logo depois, organizamos a mesa de doces, bolo e salgados. Durante os preparativos, minha avó não soltou um único sorriso.

Depois de horas, minha avó restabeleceu-se do susto com a nossa festa surpresa. Então, decidimos registrar as lembranças desse dia em lindas fotografias.

Foi um aniversário divertido e emocionante, pois foram os últimos registros com o meu avô presente, pois, infelizmente, ele faleceu meses depois.

F. ESCOLA SOL NASCENTE

- **Professora Danielle Gomes Geraes Lima**

1. **Amanda de Moura Melo – 7º ano – Ensino Fundamental**



PEDIDO REALIZADO

Lembro perfeitamente, era dia 3 de maio de 2021. Eu vivia pedindo à minha mãe uma irmã mais nova, e, nesse dia, ela chegou. Minha mãe já estava de nove meses de gestação e estava passando mal, então resolveu ligar para a sua médica que recomendou ir ao hospital de Morrinhos fazer alguns exames.

Ainda em Morrinhos, minha mãe encaminhou os resultados dos exames para a médica, que disse que minha tão esperada irmã, Sophia (nome que eu mesmo escolhi) iria nascer naquele mesmo dia.

Me lembro de voltar da escola e minha mãe me dizer que só fora buscar a mala da maternidade, de lá ela iria ao hospital de Goiânia para a Sophia nascer. Passei o dia todo contagiada por diferentes emoções, eu estava ansiosa, preocupada e triste também. Passei o resto do dia na casa da avó Ozelia, mãe do meu pai.

Era mais ou menos oito da noite, eu chorava de ansiedade, quando recebi a notícia de que minha irmã havia chegado, meu mundo parecia estar mais colorido e o que eu mais queria era conhecê-la.

No dia seguinte, o meu pai veio me buscar para irmos até Goiânia buscar minha irmã no hospital. Lá, tiramos uma foto para registrar nossa emoção com a chegada de minha amada irmã.

Sempre que eu olho para as fotos desse dia me lembro desse momento que foi o melhor da minha vida.

2. Maria Clara de Moura – 7º Ano – Ensino Fundamental



MOMENTO INESQUECÍVEL

Essa história que vou contar aconteceu no começo de 2024 com pessoas muito especiais. Foi minha primeira viagem. Lá eu avistei o belíssimo mar salgado pela primeira vez. Vi os coqueiros balançarem de tanto vento e sentia a brisa, enquanto balançava os meus cabelos.

Nesta viagem com minha avó, tivemos vários momentos encantadores. Vimos o pôr do sol e vimos também o anoitecer. Lá fizemos muitos amigos que sempre estarão guardados em nossos corações.

Tirei fotos encantadoras com a minha avó, até pedi para revelar as minhas favoritas. O ensaio de fotos foi incrível, nos divertimos bastante e engolimos até o sal da água de tantas gargalhadas.

No nosso penúltimo dia da viagem, sabíamos que iríamos sentir falta daquele lugar, das confortáveis camas que dormíamos, mas também sabíamos que iríamos voltar mais vezes naquele hotel, pois foi um passeio inesquecível.

3. Marina Melo di Rossi Soares – 7º ano – Ensino Fundamental



A CASA DO JARDIM AMÉRICA

Em uma cidade ensolarada, havia uma bela casa perto de um parque bem reflorestado. Nela construíram-se boas memórias de uma antiga família imigrante italiana, família bem humilde, mas que ao decorrer dos anos, foi se alavancando nos negócios e enriquecendo-se, mas eles não se importavam com isso, preferiam passar tempo de qualidade entre eles.

Em um belo dia, em um dos encontros da família, a mãe da recém-nascida e recém-chegada na família decidiu tirar uma foto da bebê e de seu avô, pois já sabia que não restaria muito tempo de vida para ele. Em uma poltrona antiga, na sala de estar da casa em que moraram, fizeram um registro fotográfico recheado de amor.

Alguns meses se passaram após essa fotografia e, infelizmente, o avô da bebê faleceu.

Agora a bebê já é uma pré-adolescente e guarda boas memórias da casa na qual tirou uma de suas fotos favoritas, da casa em que começou a aprender a andar de bicicleta quase atropelando o cachorro que tinham na época, da casa onde ela e seus primos subiam no capô da caminhonete do tio, da casa que localizava-se nos fundos da casa de Marília Mendonça e todos iam até lá para ouvi-la cantar, da casa onde viu alguns de seus primos pela última vez, a última casa em que seu avô morou, a casa que fez parte da sua infância, a casa que por meio das fotografias conta a sua história... A casa do Jardim América.

4. Pedro Miguel Nascimento da Silva – 7º ano – Ensino Fundamental



O MEU ANIVERSÁRIO DE SETE ANOS

Numa cidade do interior de Goiás, na noite do dia vinte e nove de novembro de dois mil e dezessete, aconteceu o meu aniversário, na casa da minha bisavó.

Lá era um lugar espaçoso, então, serviu bem para a ocasião. Couberam a decoração, as lembrancinhas e os docinhos. Tudo ficou muito belo! O meu aniversário foi sobre o time de futebol Flamengo.

Contratamos uma fotógrafa para fazer a sessão de fotos do meu aniversário. Convidamos a nossa família e os meus amigos. Quando todos os convidados chegaram, servimos a janta.

Depois do jantar, fomos cantar parabéns. Acendemos a vela que tinha um formato de bola de futebol. A vela se abriu e eu me assustei, mas achei isso muito lindo. Em seguida, fomos distribuir o bolo e os docinhos. Entregamos também as lembrancinhas.

Além disso, sempre que fazemos festas de aniversário, nós alugamos um pula-pula, então nós brincamos muito!

Mais tarde, os convidados foram embora, aí, como eu ganhei muitos presentes, fui abrir todos eles.

Eu amei esse meu aniversário, pois foi o último que fizemos festa e também porque foi o último aniversário meu em que minha bisavó estava presente.

5. Sofia Evangelista Lima Ferrare – 7 ° ano – Ensino Fundamental



O QUADRO EM PARIS

Em uma pequena cidade goiana, na primeira quinta-feira de outubro do ano de 2013, aconteceu uma grande festa em comemoração ao meu aniversário de dois anos.

Não me lembro detalhadamente, porém tenho noção do trabalho árduo e toda a dedicação que meus familiares tiveram, pois foi a melhor festa que já tive e tenho a certeza disso graças às fotografias desse dia especial.

Foram semanas de puro empenho para que tudo ficasse perfeito, toda a minha família se dividiu para ajudar em algo. Minha avó fez as lembrancinhas e minhas tias fizeram parte dos docinhos e colocaram adesivos nas lembrancinhas.

Quando chegou o dia, me recordo de uma lembrança muito especial que tive. Meu avô foi quem pintou minhas unhas para a festa. Por mais que pareça uma memória insignificante, é importante para mim, pois foi um momento especial que tive com ele, por ser homem, é mais especial ainda!

Durante a festa, usei dois belos vestidos, e troquei-os para o parabéns. No início, fiquei chateada, pois o bolo estava tão lindo que me deu água na boca, porém não pude comer porque possuía recheio de chocolate, do qual tenho alergia, então, passei o parabéns com um pirulito na mão, salivando por um pedaço de bolo ou um cupcake.

Após isso, fui brincar com os meus mini convidados. Um fato marcante desse dia é que minha prima materna e minha irmã paterna não se davam bem, pois brigavam sobre quem eu gostaria mais.

A décima terceira foto do meu álbum de aniversário foi a escolha para a encomenda de um quadro, sobre o qual há uma pequena, porém, intrigante história. Esse quadro foi uma pintora experiente que fez, e quando ela começou a pintar o quadro, ela ainda estava no Brasil, mas ela teve que ir para a cidade de Paris para certos trabalhos, e foi lá onde terminou o meu quadro, e por sinal ela iria realizar uma exposição com suas obras, e pediu a minha avó que autorizasse a exposição de minha foto, e assim aconteceu. Por conta deste ocorrido, fui receber o quadro apenas com oito anos de idade!

Minhas fotografias são memórias vivas de um tempo que não voltará jamais!

G. REDE PÚBLICA DE ENSINO DE GOIÂNIA

- Professora Adrielle Souza do Nascimento Aguiar
- Professora Patrícia Maria Jesus da Silva

1. Ana Maria Crisostomo Silva – 6º Ano – Ensino Fundamental

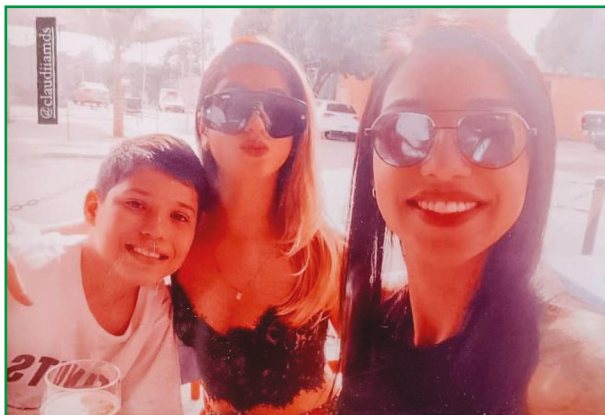


MEU PRIMEIRO DIA DE AULA

Nesse dia eu acordei era umas 9:00 da manhã, eu me levantei, tomei café, tomei banho, escovei os dentes e me arrumei, pintei o cabelo e fui almoçar. Aí já era 11:50, eu peguei meu celular e fui mexer e assistir um pouco, até dar 12:58 aí nó, eu e minha mãe, fomos para a porta da frente da escola e eu estava muito feliz para conhecer ela.

Quando eu entrei, eu fui muito bem recebida na escola, foi muito legal, lembro até hoje, o meu primeiro dia de aula, brinquei e foi muito legal, até dar a hora de ir embora. Eu fui embora e cheguei na minha casa, tomei um banho e fui lanche, aí eu mexi um pouco no celular e depois eu fui dormir e foi isso.

2. Eduardo Martins Alves – 6º Ano – Ensino Fundamental



LEMBRANÇAS QUE VÊM E QUE SE VÃO

Lembro alguns detalhes, mas não tudo.

Me chamo Eduardo Martins Alves, tenho 11 anos e tudo aconteceu em 2022 ou 2021, não lembro o dia e nem o mês, mas lembro alguns detalhes.

Era um dia meio nublado ameaçando chuva, mas no final não choveu, era um restaurante/boteco o bar chamado Mangueira, tinha uma brinquedoteca com videogame e era gigantesca com muitos brinquedos, achei magnífica na época. Mas hoje em dia nem tanto, esse dia foi especial, pois estava eu, minha mãe e minha outra mãe, minha mãe se chama Cláudia e minha outra mãe se chama Hellen. Um dos primeiros meses dela aqui, o 3º mês, foram 6 meses de muita alegria e felicidade com a Hellen aqui, pois ela teve que voltar pra França, lugar que vou daqui um tempo.

Mas voltando ao assunto, comi muitas coisas gostosas, tomei suco, refrigerante e um drink sem álcool, queria voltar para esse dia e aproveitar mais tempo do lado das duas, mas vou aproveitar mais com as duas quando eu for pra lá.

3. Ester Larisa Xavier da Silva Lima – 7º Ano – Ensino Fundamental



FESTA DA UNIÃO

Teve uma época que a gente não comemorava aniversários e tal, por causa de situações financeiras, e que também a família da minha mãe não era muito próxima. Até que um dia, resolveram fazer o aniversário de 12 anos dos meus irmãos, e eu fiquei muito feliz, não só eu, como meus irmãos, deu pra ver o brilho nos olhos dos meus irmãos.

E na época fiquei muito feliz com isso, mesmo que não fosse eu, fiquei feliz por meus irmãos, foi o primeiro aniversário deles, e fiquei muito orgulhosa, bem depois daquela época, meus irmãos e eu fomos mais unidos.

E graças àquela festa, a família da minha vó se uniu mais, o que na época era difícil, mas hoje em dia quando eu lembro, fico muito feliz.

4. Geovana Pimenta Mendes – 7º Ano – Ensino Fundamental



UM DIA NO ZOOLÓGICO

Oi, meu nome é Geovana e, dia 17/05/16, minha mãe me levou a um zoológico e lá tinha uma lagoa e aquele dia eu fiquei muito feliz, e minha mãe teve a ideia de tirar uma foto. E nessa foto, eu estava no colo da minha mãe e atrás da gente tinha a lagoa cheia de peixes lindos. O que eu mais gostei foi um dourado, eu queria levar ele pra casa, mas pena que não podia.

Esse dia, estava um dia bem bonito e também antes da gente ir pro zoológico, minha mãe fez uma mochila cheia de comida pra gente comer, na mochila tinha maçã, pera, laranja, salgadinho, suco e várias guloseimas que eu não me lembro mais. Esse dia foi só eu e minha mãe, mas foi muito, mas muito legal e muito divertido e esse dia tava muito sol e muito calor, eu queria entrar na lagoa, mas não podia.

5. João Victor Soares Ferreira – 6º Ano – Ensino Fundamental



LEMBRANÇA DO MEU ANIVERSÁRIO DE 9 ANOS

No meu aniversário, a minha mãe preparou o meu bolo e convidou meus amigos para comemorar comigo. Teve bolo, balão e presente, ganhei do meu pai um helicóptero e da minha mãe um *camaro transformers* e diverti muito com meus amigos, eu fiquei muito feliz neste dia.

6. Kamilly Victória Almeida de Sousa – 6º Ano – Ensino Fundamental



ERA UMA VEZ... O NATAL

O meu nome é Kamilly Victória. No dia 24 de dezembro de 2021, eu e meus pais e meus irmãos, o nome do meu pai é Abimael e da minha mãe é Werusca e dos meus irmãos são Matheus e Samuel, todo mundo juntou para tirar uma foto em frente de uma estrela luminosa e tinha muitas pessoas e muitas coisas iluminando.

Eu fiquei muito alegre e brincando em um brinquedo que soltava bolha de sabão e depois eu fui pular no pula-pula que tinha lá no Oscar Niemeyer e fiquei brincando com meu irmão de 4 anos.

E no dia 25 de dezembro de 2021, eu ganhei um monte de cookies de chocolate com gotas de morango e pedacinhos de morangos picados e estavam muito gostosos, com suco de caixinha de maracujá e pipoca e algodão doce. Eu gostei de ir lá, todo ano eu vou no Oscar Niemeyer.

7. Maria Clara de Sousa Nogueira – 6º Ano – Ensino Fundamental



NOSSO SENHOR DO BONFIM

Nesse dia, eu acordei era 10:00 e as minhas tias acordaram era 06:00 da manhã e os meus primos Antônio e a Maria Cecília acordaram 06:01 da manhã e foram pedir aos seus pais Lucimey e Pedro para fazer seus lanches. Aí, eles pediram e foram sentar no sofá para assistir na TV no youtube da minha vó e aí minha tia foi preparar e levar no sofá para eles.

Por enquanto, a minha tia Luciana estava lavando roupa na máquina de lavar, e minha tia Maria Helena foi fazer a comida e o meu tio Francisco estava com tio Lourenço. Aí eu acordei, fui lanche, e eram 11:00 h. Nós fomos almoçar salada, arroz com abóbora. Meu tio chegou, almoçamos, os meus tios foram dormir e as minhas tias e eu fomos assistir vôlei e o futebol feminino.

Quando chegou 4 horas da tarde, minhas tias me chamaram pra ir pro Bonfim e chegando lá, estacionamos o carro e fomos pra barraca da nossa família e fomos lá na igreja tirar foto. Depois fomos comprar sorvete, tomar caldo e comer pastel. Isso aconteceu em agosto, dia 8, no sábado.

Parte III

**Foto-História:
produções textuais de
registro documental**

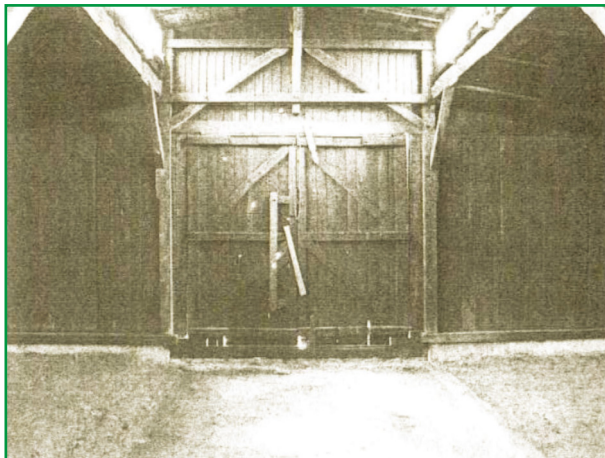
A. CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO

- Professora Deise Nanci de Castro Mesquita



a. *HaShoá*

1. Bianca Paulino Maciel – 1º ano – Ensino Médio



Fonte: DIDI-HUBERMAN, G. 2013, p. 115.

SEGUINDO O CAMINHO

Caminhando eu vejo, caminhando eu penso, o caminho que estamos cruzando entre a vida e a morte, entre o amor e o terror das paredes que logo nos aprisionaram; eu me despeço do meu marido e dou o que parece ser o último beijo na minha filha e, assim, caminho sobre o novo horror da minha vida.

2. Heitor Alves Mesquita – 1º ano – Ensino Médio



Fonte: DIDI-HUBERMAN, G. 2013, p. 107.

DESCANSO

Eu tinha apenas 8 anos quando isso tudo aconteceu. Estava na minha casa vivendo escondido de soldados que queriam nos pegar. Não sabia o porquê, mas eu me escondia sem hesitar; aliás, o medo era maior, até que um dia um soldado descobriu onde eu e minha família estávamos vivendo escondido. Vi minha família chorando, muito triste, não sabia o porquê, mas eu via pelo olhar que não estavam nos levando para lugares bons. Nos colocaram em campos de concentração, onde me separaram de minha família. Infelizmente, nunca mais vi meus pais. Eu fiquei muito doente onde eu dormia em um galpão junto com outras pessoas. Só assim eu descansei: junto com outras pessoas que também ficaram doentes.

3. Jorge Wagner da Purificação Ribeiro – 8º ano – Ensino Fundamental



Fonte: DIDI-HUBERMAN, G. 2013, p. 111.

TESTEMUNHA

Uma janela, uma testemunha. A imagem traz uma sensação de tristeza e abandono. A janela com trilhos ao fundo lembra um caminho vazio, talvez simbolizando vidas interrompidas. A floresta, com árvores e uma leve neblina, parece esconder histórias de sofrimento. O cenário é silencioso, mas as memórias não, elas continuam ecoando na mente e naquela janela, que é mais uma testemunha da guerra. O caminho vazio lembra as vidas que foram interrompidas. Agora, essa janela só nos faz pensar nos sacrifícios e memórias da guerra, que não fez apenas esta, mas muitas outras janelas, testemunhas.

4. Liv de Pellegrin Antunes – 1º ano – Ensino Médio



Fonte: DIDI-HUBERMAN, G. 2013, p. 106.

PINGO DA LIBERDADE

Em meio ao chão rochoso de um local concentrado de morte pousou um pingo da liberdade em sua forma mais viva. O arame farpado que cerra o ar que o envolve, tão pesado quanto a própria morte, não é capaz de prender o passarinho. O animal envolto em sua própria realidade colorida apenas descansa as asas já exauridas. Mas algo espanta o animal. Acho lindo passarinho. Passarinho não tem amarras, não tem algema. Passarinho tem asa livre e voadora. Passarinho come tudo e todo dia sem chorar e sem doer. E ainda querem apanhar o pobre do bichinho. Como apanham pessoas para por entre arames farpados que cerram a pele.

5. Rafael Augusto Damasceno – 1º ano – Ensino Médio



Fonte: DIDI-HUBERMAN, G., 2013, p. 127

ASASASAS

Dia. Sua alma não aguenta mais, seu coração pede descanso. O rio a sua frente, o fim de sua angústia, o fim da dor.

Ela nada rio abaixo, cada vez mais fundo como as feridas abertas no seu corpo. Os olhos já não têm cor. A água com seu remanso calmo demonstra o descanso daquela alma, ansiosa por vida.

b. Ditadura Militar

1. Barbara Carneiro Vilela – 8º ano – Ensino Fundamental



Fonte: <https://memoriasdaditadura.org.br/acervo/fotografia>.

CONTRA A CENSURA APLICADA AO TEATRO BRASILEIRO

Lembro-me como se fosse hoje. Acordava normalmente já sabendo o que vinha pela frente, a monotonia de minha rotina me entediava, junto com as mentiras que em minha escola tinham de ser contadas, tudo constantemente piorava. Vou à cozinha e logo que entro sou aconchegado com o caloroso cheiro de café quente. Vejo meu pai, sentado em sua habitual poltrona, me lançar um sorriso. “Bom dia, como de costume acordou cedo”, ele disse casualmente, “Bom dia, realmente”, disse sem muito ânimo enquanto me servia uma xícara de café quente. Ele, como quem não quer nada, disse: “Sei que são tempos difíceis, admiro sua postura diante disto”. Havia paralisado, nem sei se ele estava se referindo ao regime ou à prisão de minha mãe, ou aos dois, mas sei que depois disso tivemos que ir aos “deveres”.

“Uma grande chatice” pensava alto. Estava em uma aula de uma matéria recentemente adicionada à escola, para que tivéssemos o pensamento de que

tudo que o governo estava fazendo era algo a ser favorável. De repente, olho a janela e vejo muitos militares pelas ruas. “Mais um dia normal”, penso. Em seguida veio um forte barulho, como de um estrondo, e voltei meu olhar à janela, vi uma figura conhecida em meio a tantas outras pessoas, meu pai, no meio de tantas pessoas, o que acredito que seriam atores, se manifestando pela altíssima censura que recebiam em suas peças, apenas fazendo suas artes, se expressando da única forma que podiam. Estava com medo, o que aconteceria com meu pai? Seria preso igual à mamãe?

Saí correndo da sala, não importando se meu castigo seria doloroso. Desci correndo as escadas. Nas ruas, via meu pai e outros artistas sendo repreendidos e levados pelos policiais, mas em meu rosto, ainda assim, havia uma certa admiração. Mesmo com o medo, corri até meu pai que assim que me viu, gritou: “Joaquim, deixa o papai! Sabe que voltarei, sempre! Tentava falar comigo mesmo sendo levado. E eu só sabia chorar e chorar, enquanto era puxado de volta à escola pelos militares. Gritava pelo meu pai. Hoje, vejo a importância da resistência, minha mãe nunca voltou, já meu pai está comigo até os dias de hoje.

2. Bianca Paulino Maciel – 1º ano – Ensino Médio



Fonte: Acervo pessoal.

EU VEJO O HORROR, EU EXPRESSO O TERROR

De longe, bem de longe, eu vejo a igreja, eu testemunho enquanto milhares de pessoas carregam tochas e estacas afiadas para a igreja, o lar de Deus. Onde hoje ocorrerá um assassinato em nome do Senhor, do mesmo senhor bondoso e piedoso que todos adoram. Me pergunto o que ele diria para a mulher que está sendo acusada, Ele a perdoaria? Ele a condenaria? Talvez eu descubra mais tarde, já que posso ser a próxima.

3. Izabelly Regina Perdigão – 8º ano – Ensino Fundamental



Fonte: <https://memoriasdaditadura.org.br>.

OPERAÇÃO POPEYE

Nos céus vossos daquela madrugada, uma dança fria e dolorosa começou. A operação Popeye iniciou. Os soldados prontos e preparados se escondiam e avançavam secretamente na névoa indo pro Rio de Janeiro.

No horizonte distante, mas próximo, a guerra começava, um conto novo e sombrio que estava prestes a acontecer. Entre os picos nebulosos da Serra do Mar, os segredos eram guardados com zelo. Os soldados começavam a tecer suas tramas, enquanto nosso país dormia sobre um véu de mansidão prestes a ser rasgado. Era praticamente como se a natureza se revoltasse contra a nossa população brasileira, chorávamos em lágrimas de angústia sobre a terra maltratada.

Enquanto isso os comandos rolavam a solta, estratégias que não acabavam teciam ainda mais o cobertor de memórias que cobriam o Brasil.

Em meu coração e do povo a memória persistirá: a operação Popeye que um dia surgiu no ar. No Brasil tão feliz surgiu uma cicatriz.

4. Karoline Oliveira dos Santos – 1º ano – Ensino Médio



Fonte: <https://memoriasdaditadura.org.br>.

DITADURA NO SERTÃO

Durante a ditadura militar dos anos 1970, Antônio e seus três filhos viviam na zona rural do Nordeste, enfrentando miséria e fome. Antônio trabalhava em empregos mal remunerados, enquanto Rosa plantava mandioca, mas a seca arruinou a colheita.

Desesperados, os filhos choravam de fome, Antônio participou de uma reunião clandestina para discutir seus direitos, mas a repressão aumentou. Soldados patrulhavam a região, intimidando e prendendo trabalhadores.

Rosa, assim, sozinha, teve que criar seus filhos em meio ao caos e fome.

5. Kauan Pereira da Silva – 8º ano – Ensino Fundamental



Fonte: <https://memoriasdaditadura.org.br>.

QUERIDO DIÁRIO

Ontem foi mais um dia daqueles! Só não esperava o que iria acontecer. Tinha acabado de chegar na sala, todos estavam em silêncio, e vi o que a minha professora não viu: reparei em um senhor rústico com terno e óculos escuros. Ele tinha se vestido como um aluno normal da escola, então achei que fosse um novato. Eu não prestei muita atenção à aula, fiquei observando ao longe o tal homem, querendo saber quem era aquele. Quando o sinal tinha tocado e estava no momento que os professores ficam trocados, então resolvi beber um pouco de água e acabei encontrando com minha amiga. No caminho de volta, conversamos e ela me perguntou se por algum acaso o cara do Dops estava na minha sala. Eu não respondi, voltei para sala e nunca fiquei tão calada em minha vida. Naquele momento só pensei em uma coisa: eu tinha olhado para ele demais? Eu fiz algo de errado? Por que ele estava lá?

6. Lucca Christopher Costa Ribeiro – 8º ano – Ensino Fundamental



Fonte: <https://memoriasdaditadura.org.br>.

O QUE FIZEMOS DE ERRADO?

Gritos por todos os lados “Queremos melhorias na educação!”, eu junto com outros estudantes da nossa universidade fizemos esse protesto. E esse protesto foi muito grande, com jornalistas por todos os lados, com câmeras e microfones perto de nós. Não imaginávamos que iria ser o pior dia das nossas vidas. Com duas horas de protesto, de repente uma bomba de fumaça explodiu em nós. Desmaiei, quando levantei, vários estudantes estavam correndo, pisando em mim, tropeçando e caindo uns em cima dos outros, apanhando com cassetete, e sangrando. Alguns foram presos e levados para o DOI-CODI. Eu fui um deles, e estou aqui escrevendo essa vivência horrível que tive. Mas a pergunta que fica é... O que fizemos de errado?

7. Maria Eduarda Rinaldi Gervasio – 1º ano – Ensino Médio



SEXTA-FEIRA SANGRENTA: ECOS DA LUTA

O sol escaldante do Rio de Janeiro, em 1968, testemunhou um acontecimento marcante na história: a “Sexta-feira Sangrenta”. Era 21 de junho e a ira da repressão desceu sobre os estudantes que ousaram lutar pela liberdade e pela democracia. No oeste da Nelândia, a atmosfera é tensa. A multidão, principalmente jovens, aplaudiu enquanto segurava cartazes e slogans. Contudo, a ditadura militar não toleraria tais insultos. A cavalaria policial avançou, os cascos batendo na calçada, os sabres brilhando ao sol.

O choque foi brutal. Gritos ecoaram pelas ruas enquanto os cadáveres caíam, vítimas de uma violência implacável. As calçadas estavam manchadas de sangue, uma triste lembrança do custo da luta pela liberdade. Mesmo face à brutalidade, o movimento de resistência não cedeu. O estudante ferido levantou o punho em protesto. Pessoas revoltadas juntaram-se à luta, erguendo barricadas e desafiando os repressores.

A Sexta-feira Sangrenta tornou-se um símbolo de oposição à ditadura militar. O sangue derramado naquele dia não foi em vão. Vozes silenciosas ecoam em novos protestos, inspirando gerações a continuar a busca por um Brasil mais justo e democrático. Apesar da dor e da opressão, a Sexta-feira Sangrenta acendeu um fogo que nunca será extinto. O fogo da liberdade, da esperança e da luta por um futuro melhor.

8. Marianny Vieira de Sousa – 8º ano – Ensino Fundamental



Fonte: <https://memoriasdaditadura.org.br>.

RAUL SANTOS SEIXAS

Sou Raul Santos Seixas. Hoje vou contar minhas vivências antes de partir dessa vida de maluco beleza. Baiano, para mim a música era algo secundário. O que mais me preocupava era a vida e a morte, de onde vim? Para onde vou? Na adolescência eu era um moleque, reprovei na 2ª série por 3 anos. O motivo? Ficava escutando *rock and roll*.

Fui para outra escola e demorei dois anos para terminar o 3º ano. Nessa época achava a leitura muito bacana, pois em casa o pai tinha uma biblioteca, então criava quadrinhos e letras de músicas.

Em 73, criei minha primeira música, “King-ha, bandolo!”. Depois fiz uma das mais famosas: “Mosca na Sopa”, quando na época estávamos vivendo a ditadura, essa canção falava sobre você ser silenciado pelos militares.

Como naquela época tudo era silenciado, minha música foi censurada junto com outra que fiz “Ouro Tolo”. Com o nosso barulho, a polícia foi atrás da gente, de mim e do Paulo Coelho. Lá eles perguntaram sobre as letras das músicas,

pois tinham duplo sentido, afinal, que homem que não gosta de umas boas e velhas piadas?

Perguntaram sobre uma tal “sociedade alternativa”, comentada num gibi. Isso só podia ser uma organização vinculada a algum grupo de esquerda. Minha casa foi invadida por agentes em busca de documentos que tivessem a ver com a existência da sociedade alternativa.

Naquela época lancei meu segundo álbum “Gita”, que havia um verso que dizia assim: “Faça o que tu queres, pois é tu o da lei”. Meu primeiro álbum “Sociedade Alternativa” foi vetado, ali iniciaram uma perseguição a dezenas de músicas. Me mudei para Nova York em 74. Acabei voltando ao Brasil em razão do sucesso de “Gita”.

9. Nicole de Souza Reis – 8º ano – Ensino Fundamental



Fonte: <https://memoriasdaditadura.org.br>

E SE FOSSE SEU FILHO?

Era uma época de silêncios ensurdecadores, onde as sombras do medo pairavam sobre nosso país. Nas ruas, a liberdade era apenas uma lembrança distante, substituída pelo eco dos passos apressados de quem temia ser vigiado a qualquer momento.

Naquela era cinzenta da ditadura militar, as vozes eram caladas à força, os olhares desviados para evitar suspeitas. O regime autoritário impunha sua vontade com mãos de ferro, silenciando a dissidência e perseguindo aqueles que ousavam levantar a voz contra a injustiça e a opressão.

Mas mesmo em meio à escuridão, pequenas luzes de resistência brilhavam. Mulheres corajosas se uniam em segredo, tecendo redes de solidariedade e esperança. Seus passos firmes ecoavam como um sussurro de liberdade em um mundo dominado pelo medo.

Cada olhar trocado, cada gesto de apoio mútuo era um ato de resistência contra a tirania.

Mesmo diante das ameaças e dos horrores da tortura, nós, mulheres, nos mantínhamos fortes, erguendo-nos como faróis de coragem em meio à tempestade.

E assim, entre as sombras da ditadura militar, floresceu a semente da esperança. Porque onde houver resistência, haverá sempre a promessa de um novo amanhecer onde a liberdade possa finalmente voltar a brilhar sobre um país que tanto sofreu nas garras do autoritarismo.

10. Rafael Augusto Damaceno – 1º ano – Ensino Médio



Fonte: <https://memoriasdaditadura.org.br>.

OS TANTOS SÓIS DA TERRA I

A luz do astro invadiu violentamente meu olho. A escuridão que reinou há mais de dias foi completamente usurpada por um radiante conjunto de raios luminosos que me cegaram até os ouvidos. Rezo para estar vestido com as roupas de Jorge, mas receio que seja tarde.

As marcas de cordas nas minhas mãos me lembram que horas atrás tive que ver o diabo de perto. Nunca acreditei em sua existência, e continuarei não acreditando, mas quando você o sente não há mais escapatória. Prenderam em mim, não somente as marcas quentes, os cortes superficiais, os choques intensos, os baldes de água fria etc., mas também a amargura de saber que o amanhã não vai ser um novo dia.

Quando a lâmpada acendeu naquele quartinho percebi que, independentemente do que ocorra, serei eu mais um sem nome que ao andar nas ruas a noite foi pego por um louco delinquente, assassino mascarado. Porém, muitos não saberão que ele disfarça na armadura da farda e na máscara de porco.

c. Morte e Vida Severina

1. Beatriz Pimentel – 1º ano – Ensino Médio



Fonte: Morte e Vida Severina, João Cabral de Melo.
Desenho Animado do Cartunista Miguel Falcão.

MINHA VIDA NO SERTÃO

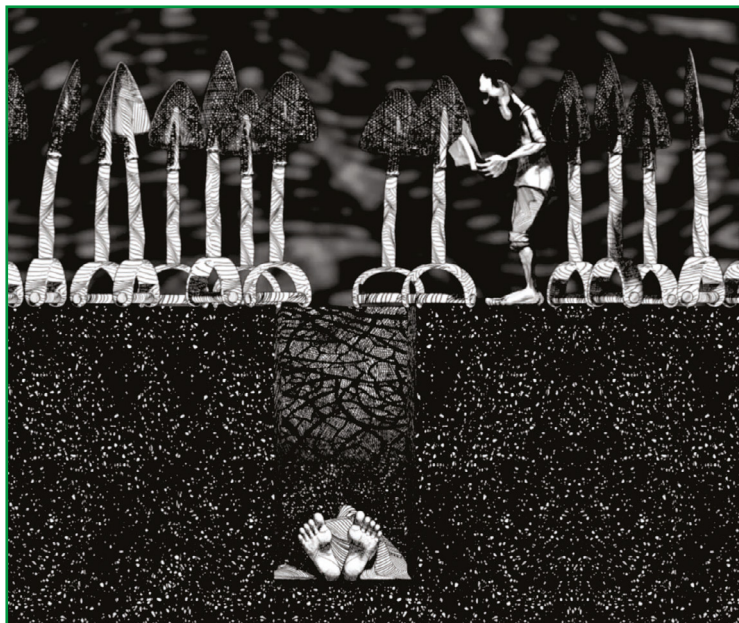
Era uma vez, João, um homem que vivia junto a sua esposa Joana no sertão. Sua casa é simples e se encontra perto de um riacho, com o clima semiárido, onde eles vivem com animais, como galinhas, cavalos e bode, que os próprios criam.

João e sua esposa eram conhecidos por vender ovos na feira da cidade que eles frequentavam toda semana. Até que um belo dia o prefeito da cidade os reconheceu e postou o casal em suas redes sociais. A publicação viralizou e então eles receberam uma grande oportunidade de serem promovidos para uma empresa de agricultura. Após receber essa notícia, eles decidiram se mudar do sertão para a cidade, pois viajar do sertão para a empresa, que era na cidade, não renderia lucro para seus negócios.

A empresa ofereceu esta oportunidade porque estava com falta de fornecedores, e como o casal era reconhecido por vender ovos caseiros e de boa qualidade, promoveram eles para serem os novos prestadores da empresa.

Diante deste ocorrido a vida de João e Joana mudou completamente, pois tiveram que se desfazer do sertão como lar e viver a nova vida na cidade. Os resultados da empresa foram muito bons, teve um alto lucro e ajudou o casal financeiramente e conseguiram viver estáveis e felizes.

2. Maria Eduarda Rinaldi Gervasio – 1º ano – Ensino Médio



Fonte: Morte e Vida Severina, João Cabral de Melo.
Desenho Animado do Cartunista Miguel Falcão.

MORTE E VIDA SEVERINA

Em meio à vastidão do sertão nordestino, Severino caminhava com passos pesados e o coração apertado. Deixara para trás sua terra seca, marcada pela falta d'água e pela escassez de oportunidades. O canto de Pedro Pedreiro ecoava em sua mente, lembrando-lhe do compasso lento e da espera interminável por um futuro melhor.

"Pedro pedreiro pensamento esperando o trem..." A vida no campo não era fácil. Os dias eram longos, a lavoura ingrata, e a esperança, muitas vezes, se tornava um fio tênue que mal conseguia segurar. Mas Severino não desistia. Seu destino parecia traçado em terra árida, onde, assim como muitos outros, nasceram para trabalhar e morrer em um ciclo contínuo de sofrimento e resistência.

Seus vizinhos, Dona Maria e Seu José, tinham histórias parecidas. Ela, uma mulher forte e guerreira, lutava para criar os filhos enquanto via o marido, um homem de poucas palavras e muitas ações, dedicar-se incansavelmente à roça. No entanto, a terra respondia pouco ao esforço, e a sombra do êxodo rural pairava sobre a família.

A luta por um pedaço de terra digna, como cantavam os movimentos do MST, era uma constante. Ali, na vastidão do sertão, famílias batalhavam contra o esquecimento e a injustiça. A poesia de João Cabral de Melo Neto, em “Morte e Vida Severina”, narrava a trajetória dos retirantes como Severino, que, em busca de um pedaço de chão para chamar de seu, enfrentavam a morte a cada curva do caminho.

No funeral de um lavrador, as palavras de Chico Buarque e João Cabral ecoavam como um lamento universal. “Esta cova em que estás, com palmos medida, é a conta menor que tiraste em vida”. A despedida de um lavrador era marcada por uma profunda melancolia, um tributo àqueles que cultivavam a terra com o próprio suor e encontravam nela a última morada.

Severino sabia que sua luta não era a única. O êxodo rural, forçado pelas adversidades e pela falta de apoio, empurrava muitos como ele para as grandes cidades, onde a esperança de um trabalho digno contrastava com a dura realidade da vida urbana. O canto de Pedro Pedreiro, esperando o trem que não chegava, tornava-se um símbolo dessa espera interminável por justiça e dignidade.

Assim, Severino seguia seu caminho, carregando no peito a memória dos que ficaram e a esperança de um futuro onde a terra pudesse florescer, onde os trabalhadores rurais fossem valorizados e onde a vida no campo deixasse de ser um fardo e passasse a ser uma escolha digna e respeitável. Ele sonhava em voltar um dia, encontrar a terra verdejante e ver seus filhos correrem livres, sem a necessidade de partir como ele.

3. Maria Eduarda Souza Almeida – 1º ano – Ensino Médio



Fonte: Morte e Vida Severina, João Cabral de Melo.
Desenho Animado do Cartunista Miguel Falcão.

ESPERANÇA

O sol rachava a terra seca do sertão, sertão esse que é árido e vasto no Nordeste brasileiro, a mesma terra que viu nascer e morrer gerações de pessoas que não são nada ao olhar daqueles maiores. O cheiro de poeira e capim seco estava no ar, misturado ao suor dos homens e mulheres que carregavam o peso do trabalho árduo, esse mesmo que é para sobrevivência.

Naquele dia, o sol se despedia e a terra, que antes acolhia seus sonhos e esperanças, agora se tornava o último lar de muitos nessa seca estridente. A vida no campo, antes um refúgio de paz, havia se transformado em um ciclo de pobreza e sofrimento. A seca implacável, a falta de oportunidades, tudo contribuía para a crescente tristeza que tomava conta dos corações dessa família, a família Lima, que mora no lugar há mais de cinco gerações e nunca teve a oportunidade de sair desse sofrimento.

Um grito sofrido, grito de resistência que ecoava no plano lugar, a voz do senhor Lima, um homem forte cujas mãos tinham calos de tanto trabalho. Esse mesmo cantava uma canção, à luta e à esperança, soava como um sopro de vida em meio à podridão. Suas palavras ecoavam no coração dos que ainda não

havam se rendido à miséria, que ainda acreditavam na força da união e na justiça social.

O MST, como um farol de esperança, iluminava o caminho daqueles que buscavam um futuro melhor. A luta pela terra, a busca por direitos, tudo isso se tornava um grito de revolta contra a injustiça social, um grito que ecoava nas palavras de João Pedro Stédile: “A terra não é mercadoria, é a base da vida”.

Um filho do senhor Lima observava tudo de longe, com um olhar cheio de esperança. A vida no campo, com suas dificuldades, era a única que ele conhecia, mas a esperança o fazia querer seguir em frente. A união do MST, o sonho de um pedaço de terra para chamar de seu, isso só lhe dava a certeza de que a vida, mesmo com todas as dificuldades, ainda valia a pena ser vivida.

E, assim, o sol ia embora do sertão, levando consigo a tristeza da despedida, mas também a esperança de um futuro melhor, um futuro onde a terra não seria mais um símbolo de sofrimento, mas um símbolo de vida e liberdade.

4. Rafael Augusto Damaceno – 1º ano – Ensino Médio



Fonte: Morte e Vida Severina, João Cabral de Melo.
Desenho Animado do Cartunista Miguel Falcão.

OS TANTOS SÓIS DA TERRA II

Urubus, uma quentura sem fim queima tudo que é verde, somente o cinza e o seco prevalecem ali. Cristiano, com a espingarda nas costas, traz no corpo a maior dor dos homens: a fome. Sua casa é de tão singela que quem por ali passasse não notaria seus três filhos, Ariano, Glauco e Fernanda, nem sua esposa Vitoria. As paredes de madeira abrigam insetos e outras nojeiras encontradas por Vitoria todos os dias.

Cristiano mora ali há tanto tempo, que conhece as terras que não lhe pertencem, como ninguém. A seca fez fugir tudo que é vivo dali, mas o caboclo não sai de lá por dívida a Raimundo Honorário, o detentor de toda aquela poeira. O sertanejo hidrata um pouco a pele com uma linha fina de lágrima, que não se aguentou de tanto sofrimento na cabeça e se pôs para fora pelos olhos.

Não comem nada de sustância há dias, a farinha e água se acabaram e todos os quilômetros em todas as direções dão só a um destino, o sol. A espingarda é carregada com as últimas quatro balas. “Um homem honra e protege tua própria família” era a frase que o fazia temer o que viria após a morte. Em sua con-

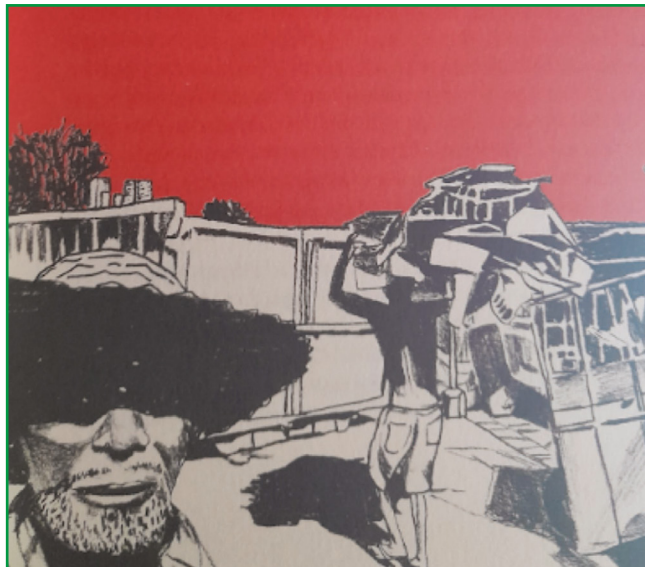
cepção, foi fraco diante de seu único objetivo na vida. Teve então uma última tentativa de se fazer homem correto, uma bala em cada cabeça dos que ama seria menos agonia do corpo.

A porta abre à frente de Cristiano e se fecha aos nossos olhos como meros espectadores. Não entendes o que é desespero, puro leitor.

Há quatro montinhos de terra e um crucifixo em cada, sinalizando mais uma vez que tudo que é vivo volta à terra; o homem não chora mais, apenas espera a visita daquela que uma vez disseram que chegaria para ele se não usasse da força dos braços e da enxada. Cristiano pode pelas suas últimas horas imaginar pela última vez: “Quantos sóis queimam o sertão?”.

d. Quarto de Despejo

1. Fábio Renato dos Santos Crespo – 1º ano – Ensino Médio



Fonte: Quarto de Despejo, Carolina Maria de Jesus. Ilustrador: Vinícius Rossignol Felipe.

DIÁRIO DE UM SONHADOR

O sol mal despontou e já estou de pé, sentindo o calor crescente do dia enquanto caminho pela favela. O chão vermelho parece mais brilhante hoje, refletindo a luz da manhã. As crianças brincam despreocupadas, enquanto alguns adultos começam suas tarefas diárias.

Cada canto dessa favela conta uma história, e a minha está apenas começando.

Meu nome é João e, apesar das dificuldades, sou um sonhador. Cresci aqui, entre barracos de madeira e becos apertados, mas nunca deixei de acreditar em um futuro melhor. Hoje, enquanto observo a vida ao meu redor, sei que quero mais para mim e para minha família.

Não quero que meus filhos passem pelas mesmas privações que eu passei.

Tenho um plano: quero abrir uma pequena loja de bicicletas. Sempre tive jeito com consertos e, aqui na favela, bicicletas são o principal meio de transporte. Minha ideia é começar pequeno, consertando as bicicletas dos vizinhos, e aos poucos expandir o negócio. Sei que não será fácil, mas estou disposto a lutar por isso.

Hoje, ajudei o Sr. Antônio a consertar a roda da sua bicicleta. Ele me agradeceu com um sorriso e um aperto de mão firme, prometendo que espalharia a notícia do meu talento. Esse tipo de apoio é comum por aqui. Na favela, todos se conhecem e se ajudam como podem. É essa união que me dá força para continuar.

À noite, depois que as crianças foram dormir, sentei na porta de casa e olhei para o céu estrelado. Pensei em tudo que ainda quero conquistar. Sei que a jornada será longa e cheia de desafios, mas cada pequena vitória me aproxima do meu sonho. Quero que meus filhos cresçam orgulhosos de onde vieram, mas com a possibilidade de explorar novos horizontes.

Enquanto a favela dorme, faço planos para o dia seguinte. Amanhã, começarei a juntar os materiais que preciso para montar minha loja. Pode levar tempo, mas cada passo me leva mais perto do meu objetivo. Estou determinado a transformar minha realidade e, quem sabe, inspirar outros a fazerem o mesmo.

Com o coração cheio de esperança e a mente repleta de planos, vou dormir, sabendo que o amanhã trará novas oportunidades. E assim, um dia de cada vez, vou construindo meu caminho para um futuro melhor.

2. Maria Eduarda Rinaldi Gervasio – 1º ano – Ensino Médio



Fonte: Quarto de Despejo, Carolina Maria de Jesus. Ilustrador: Vinícius Rossignol Felipe.

DIÁRIO DE UMA FAVELADA

1 de janeiro de 1964. Hoje acordei logo às 5:30 da manhã de um sábado. Com o sonoro barulho dos carros, por aqui não temos folga, acordamos assim que a cidade acorda. Acordei, fiz um café e dei um pouco de bolacha que tinha para meus filhos, e logo fui a catar minhas latinhas.

5 de março de 1964. Hoje foi um dia muito trabalhoso, logo acordei e fui a catar minhas latinhas para fazer um dinheiro e comprar uns ingredientes para fazer um bolo, pois no dia seguinte seria aniversário de Carlinha minha caçula. Quando cheguei no depósito, o saco cheio de latas, deu de rasgar e lá se foi o bolo de Carlinha.

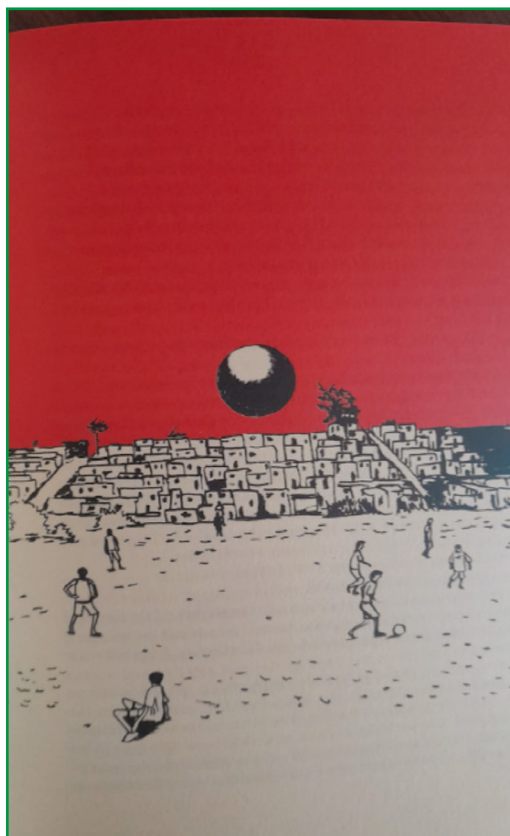
7 de março de 1964. Depois daquele dia em que meu saco de latas rasgou, fiquei arrasada, pois seria o segundo aniversário de Carlinha passando em branco, meus outros filhos nunca se importaram com essa coisa de aniversário,

mas para Carlinha era muito especial, conversei com ela e expliquei o que havia acontecido e que iria dar um jeito, mesmo que comemorasse no dia seguinte. Logo no outro dia, levantei cedo e fui catar minhas latinhas, juntei dois dias de trabalho e pude fazer um bolo para minha querida Carlinha.

15 de março de 1964. Hoje, Pedrinho veio aos prantos a mim, pois tinha apanhado de seus colegas na escola. Logo o acalmei, e ensinei a ele que isso era errado, e que no outro dia iria em sua escola antes de ir trabalhar, pois filho meu ninguém mexe.

6 de abril de 1964. Confio em Deus que logo as coisas hão de melhorar, Marcos meu primogênito arrumou um serviço na construtora do meu patrão. Já está a me ajudar em casa, de vez em quando compramos até uma mistura, esse meu filho tem me dado muito orgulho e a de me orgulhar muito ainda.

3. Maria Eduarda Souza Almeida – 1º ano – Ensino Médio



Fonte: Quarto de Despejo, Carolina Maria de Jesus.
Ilustrador: Vinícius Rossignol Felipe.

DIÁRIO

15 de junho. Quando saí de casa, vi os meninos jogando bola no campinho de terra batida perto da minha rua. A cena era tão familiar. O sol rachava o asfalto, a poeira subia com o leve cheiro de terra molhada da chuva da madrugada. Essa época do ano é mágica aqui na favela, tá ligado? Na hora que a chuva dá uma passada, a gente pode respirar fundo sem sentir o cheiro de esgoto na garganta e a molecada fica na rua o dia inteiro.

Olhei pela janela e vi a galera reunida no campinho improvisado, era tipo um campo de terra e o gol era formado pelo chinelo dos meninos. A bola rolando, o grito de “GOOOOOOOOOOL” soô pelos becos, a risada alta que quebra o silêncio da tarde. Essa é a vida aqui, sabe? Simples, sem frescuras, mas com uma energia que te contagia.

Na foto que tirei, dá pra ver a felicidade estampada na cara de cada um. O João, o mais alto, vivia com a camisa do Flamengo rasgada. Na vida, ele tá driblando o Zé, que me lembro até hoje dele tentar roubar a bola com um sorriso travesso. O Pedro, o mais novo, com a bola nos pés, corria feito um raio. Também tem o Miguel, o goleiro, com a cara fechada, pronto para defender.

A vida aqui é dura, a gente sabe. Mas geral também sabe que a alegria é um refúgio, um motivo pra levantar da cama todos os dias. E essa foto, ela me lembra disso, me lembra que, mesmo com todas as dificuldades, a gente ainda consegue sorrir, consegue se divertir, consegue ser feliz.

B. ESCOLA ALDEIA

- Professora Cristina Moraes
- Professora Bárbara Miguel
- Professor Fabrício Clemente



a. Ditadura Militar

1. Alice Carvalho Borges – 5º ano – Ensino Fundamental



FINAL FELIZ, NÃO PARA TODOS

Era alta, magra de cabelos bem lisos, não fazia tanto barulho, clara, japonesa, rodeada de pessoas, ela tinha tudo o que uma criança devoradora de palavras queria ter seu pai era dono da Staciold Libracy. Ela era super generosa, mas apenas com os seus amigos com os outros já era um pouco mais rabugenta mais deveria ser mais generosa.

Aos 11 anos foi completamente perturbada por seres do seu colégio, ela começou a sofrer bullying, por ser estrangeira. Seus cabelos longos destacaram sua face, que tinha uma expressão de poder, porém ela estava acabada por dentro, mas deveria manter a postura de uma estudante de um colégio de elite. Também sofria de crises frequente de pânico. Ela amava ler e assistir TV era seu passatempo. Aos seus 15 anos ficou órfã junto de suas 3 irmãs Julia, Ana e Clara. Ana era brasileira, Clara era americana e Julia australiana.

Durante a ditadura foi para Portugal para estudar moda. Conseguiu passar e hoje ela é uma modelo. Na primavera ela fez ensaio maravilhoso. Porém, perdeu navios familiares e amigos por conta da Ditadura. Mesmo sendo modelo, ao voltar para Brasil sofreu bullying.

2. Ana Clara Carvalho Sousa – 5º ano – Ensino Fundamental



O MISTÉRIO DE YÁRA

Ela era baixa, negra como o rio da noite, cabelo longos e crespos, olhos como os da jabuticaba que tem em sua Aldeia. Ela vagava em seu pequeno, porém mágico lar quando ouviu um grave retumbante de sua mãe “Yára, corre minha filha, a refeição está pronta”!!

Quando chegou viu um peru colossal e toda sua família gigante esperando-a.

Sentou-se delicadamente em seu banco de toco de madeira. Após deliciar sua apetitosa refeição, Yára percebeu que sua família a encarava e a olhava em um tom de preocupação. Começou a pensar em motivos para a estranha ação de sua família. Certo momento Yára notou a diferença excessiva entre ela e sua família.

Quando Yára estava começando a lacrimejar lágrimas cristalinas sua mãe com uma expressão nada positiva disse: “Yára querida, você não é minha filha. Você veio da Ditadura Militar e você é adotada”. Essa palavra adotada ficou em sua mente por um bom tempo. Yára estava paralisada. Quando suas ações voltaram a funcionar ela correu profundamente pela desconhecida e enorme floresta que tem a volta da sua pequena Aldeia. Correu, andou até seus passos ficarem lentos como uma lesma de tão cansada. Desde então nunca mais Yára foi vista.

3. Clarice Cortes Cabral de Mesquita – 5º ano – Ensino Fundamental



ELIO VELHO

Em um dia chuvoso, um menino com cabelos pretos que nem uma amora, aquelas bem pretinhas, com olhos verdes como um limão azedo que você até chora, você também pode confundir a pele dele com a neve branca igual a da Frozen, ninguém aguentava o choro desse ser chato e barulhento. Esse ser foi chamado de Elio. Ao contrário dele, seus pais eram negros de uma pele escura que nem uma noite bela. Elio nasceu no município de Mineiros, GO.

Na sua fase adulta em 1974 a ditadura começou. Foi uma confusão. Uns tiros ali, esconde aqui, uma gritaria. Elio com 26 anos foi preso por cinco a dez anos. Ele foi torturado e quase morreu junto com quatro amigos. Depois de lutar muito eles conseguiram a tão sonhada liberdade.

Hoje em dia Elio tem 80 anos e é casado com a Vera e tiveram duas filhas: a mais velha Mariana e a caçula Larissa, e ele também é avô da primeira e mais velha Clarice (eu) e do pequeno Caio.

4. Maria Eduarda Tófani Melo Braga – 5º ano – Ensino Fundamental



CHILE

Ela era de cabelos longos e ondulados, de olhos verdes, e tem descendência italiana, e era magrinha. Mas morava no Chile. Era muito legal e inteligente. O nome dela é Bruna.

Bruna morava no Chile e estava no verão e estava no parque aquático. Enquanto Bruna estava se divertindo, seu irmão estava em um avião para viajar para o Brasil para fazer faculdade de direito.

Já tinha passado 5 meses que o irmão tinha ido para faculdade. Já era o aniversário da Bruna, mas nesse aniversário começou a ditadura Chilena e a família de Bruna foi presa, mas conseguiram fugir e o amigo do pai de Bruna conseguiu 20 passaportes para a família.

Viajaram para o Brasil e ficaram lá 5 anos e depois voltaram para o Chile, porque descobriram que tinha acabado a ditadura e ficaram feliz.

5. Miguel Curado Brom Moraes – 5º ano – Ensino Fundamental



MARIA ALPARRONE

Ela era rica, cabelos longos e loiros. Nasceu na Itália, os pais dela eram donos de uma loja de carros. Em 1939 ela tinha 12 anos, a família dela era de gerações de judeus. Os pais dela foram caçados e mortos, e ela foi levada para os campos de concentração. Sempre foi rica, branca e loira. Era perfeita. Nunca sofreu. Não estava preparada.

Entretanto, era astuta. Nunca foi tomar banho porque sabia do perigo, mas uma hora ela foi levada para os campos de concentração e no final da noite só deu para ouvir seus gritos.

Com as marcas de unhas na parede ela teve uma morte agonizante e terrível. Sua vida passou diante de seus olhos.

6. Olívia Lens Cândido Fideles – 5º ano – Ensino Fundamental



AS CRIANÇAS E O D DE DITADURA

Meliza era uma menina, uma menina alegre, inteligente, bonita, sábia, brincalhona, esperta e traiçoeira. Sempre se vestia com a tal roupa, sapato vermelho brilhante, vestido de baleados com estrelinhas vermelhas e um diadema vermelho, esta menina morava no Brasil e vivia no certo ano da “DITADURA MILITAR”, 1964, tinha somente 13 anos e não gostava da DITADURA de forma alguma e seus pais também não. Todo sábado era sair na rua para levantar a plaquinha “FORA DITADURA”.

Até que um dia, seus pais foram descobertos e levados as escondidas dos MILITARES, obrigaram a Meliza a ir também, Meliza sem entender nada viu os pais em uma sala, sem escolha sentou-se em uma cadeira, amarrada e assistiu tudo, como assim tudo?! Os pais sendo torturados até a morte.

Meliza foi liberada, ou seja, jogada na rua, suas avós a acharam, e ela contou tudo o que aconteceu, e aquela foi uma noite de lágrimas, gritos e depois o triste silêncio.

Tiraram a ditadura do poder no final do ano de 1985. Meliza depois de adulta sempre lembrou do que aconteceu, mas hoje as avós ainda estão vivas, ela não se casou, está livre para fazer o que quiser, por exemplo, fez mochilão e foi viajar o mundo inteiro.

b. *Nakba*

1. Ana Clara Carvalho Sousa – 5º ano – Ensino Fundamental



Fonte: <https://www.vaticannews.va/pt/mundo/news/2023-05/save-the-children-drama-criancas-faixa-gaza.html>.

FUGINDO DA ESCURIDÃO CLARA

Eu e minha família estamos fugindo dessa escuridão clara que meu pai falou que chama guerra. Aqui tem estilhaços, tijolos e pessoas sem casa. Eu estou vendo o moletom do papai cinza, mas ele disse que é azul.

Desde alguns meses atrás meu papai e minha mamãe estão tendo dificuldade de sustentar eu e meus 5 irmãos, pois é difícil sair de casa sem virar outra coisa. Minha mamãe achou que eu não estava ouvindo ela, mas ouvi. Ela disse: “Coitada de nossa filhinha. Tão novinha. Ela podia ter nascido alguns anos depois. Ela está tendo que passar por essa situação de guerra tão nova”.

Eu estou bem cansada. Já pedi para ir para casa tantas vezes que eu acho que meu pai vai enlouquecer. Todas as vezes que eu pedi para ir para casa meu pai disse: “Nossa casa está indefinida no momento”, e percebo que cada vez que ele dizia isso as coisas ficavam mais cinzentas e o olho dele mais parecido com o mar. Quando falei isso da última vez, ele não resistiu e uma triste gotinha de água foi molhando o rosto dele, lentamente e quase imperceptível.

Eu estava tão cansada que acabei dormindo por algumas horas, quando acordei estava em um lugar completamente diferente. Meu pai estava machucado. Eu perguntei a ele onde estavam os meus irmãos e ele disse: “morreram no bombardeiro, mas nós não. Então eu corri com você para chegarmos a tempo de emigrar. Aqui estamos em nosso novo país. Estamos em casa, filha”.

2. Beatriz Pereira de Almeida – 5º ano – Ensino Fundamental



Fonte: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2024-03/risco-de-fome-catastrofica-sobe-para-11-milhao-de-palestinos-em-gaza>.

UM DIA NORMAL PARA HAFEZ

Eu sou Hafez, estou numa fila para pegar comida. Ontem teve algum ataque e eu e o Yasser (meu irmão mais velho) não conseguimos dormir a noite, Yasser está muito cansado então dormiu no meu ombro.

Mamãe mandou entrar na fila pra pegar arroz e o que tiver. Ela mandou um pote de plástico com um pouco de mingau, se Yasser não acordar logo vou ter que guardar um pouco para ele apesar de estar morrendo de fome.

Tomara que mamãe esteja lá quando voltarmos, tomara. Mas acho que vamos voltar sem comida porque ainda deve ter umas cinquenta crianças na fila, só vão sobrar as maçãs podres e amassadas.

Finalmente, Yasser acordou, e daí pedi que ele olhasse se ia sobrar comida pra gente, mas já não tinha muita coisa, então fomos embora enquanto Yasser tomava seu mingau frio. A cada passo uma insegurança, a cada colherada um medo.

3. Helena da Cunha Cedro – 5º ano – Ensino Fundamental



Fonte: <https://www.vaticannews.va/en/world/news/2023-11/world-childrens-day-save-war-gaza-israel-interview-denselow.html>.

OS TRÊS IRMÃOS

Eram apenas três pequenas crianças. Yasser, Hafez e Ahed que viviam desde o nascimento em um local em que um homem falava ser seu, outro dizia o mesmo e toda a cidade o mesmo dos outros povos. Eles não sabiam por que três povos brigavam pela sua casa e eles sempre escutavam termos que nunca ouviram falar de sua professora como Israel, Judaísmo, coisas que lhes soavam estranhas. Com o tempo as palavras eram citadas diariamente e sair de casa ficava mais perigoso.

Eles viam pela janela pessoas de verde, com capacete, botas altas, aparelhos pesados e armas de metal que atiravam balas de chumbo. Isso encantava Hafez, mas preocupava Yasser e Ahed. Seus amigos iam sumindo da escola, casas eram abandonadas, pessoas iam ficar na casa de parentes. Era mais uma tarde, despreocupados com a vida, os três irmãos brincavam com outras crianças, até ouvirem um estouro. Yasser foi o último a correr, até que homens estranhos

atiraram chumbo em suas costas dez vezes, até ele cair morto no chão. Os homens pisaram-lhe no corpo sem nenhum respeito. Hafez e Ahed viram tudo escondido dentro de uma enorme caixa, em um beco escuro. Hafez vendo tudo isso sentiu medo, raiva, juntos em um lugar. Crianças ao menos pensam o que vão ser quando crescer: médico... já Hafez e Ahed começaram a pensar se eles iriam crescer.

Já faz dois anos que exércitos contra inimigos disputavam contra inimigos. Sua casa, sua escola, e muitas casas e prédios foram destruídos, pessoas morreram e a falta de comida preocupa. Hafez e Ahed estavam no túmulo de seu irmão Yasser, quando toca uma sirene que é interrompida por uma voz grossa que diz: – Atenção todos os sobreviventes do ataque de Israel, dirijam-se para a fronteira do Egito! Depois disso, Ahed achou melhor eles obedecerem e eles foram até a fronteira e foram para um campo de refugiados. Eles cresceram e ainda se lembram do que a guerra arrancou deles.

4. Isis Campos Nagato – 5º ano – Ensino Fundamental



Fonte: <https://www.vaticannews.va/pt/mundo/news/2024-04/faixa-gaza-unicef-escolas-danificadas-universidades-destruidas.html>.

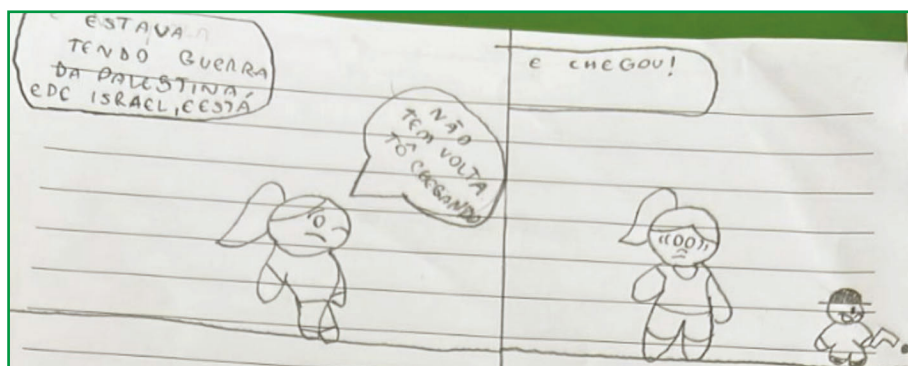
O QUE EU VEJO

Ele era moreno, jovem, sofrido e friorento. Vivia atrás das pessoas, sempre o último da fila. Era palestino e muito humilde. Com a guerra piorando cada vez mais, sua casa virou ruínas de tijolos e vidros estilhaçados. Naquele dia fatídico sua vida mudaria para sempre.

Começara como qualquer outro difícil. Ele saiu pra brincar com os amigos e mal podia acreditar no que via, seu pai há dois dias desaparecido em sua frente, morto. Em meio àquela cena, encontrava-se um cão interessado na carne de seu pai. Ele, Manuel, em sua consciência não podia aceitar aquilo. E no ato de defender seu pai defunto levou uma mordida na perna. Ele se via sozinho ferido e em perigo. Estava longe de casa demais, tanto pra ir quanto pra voltar e só pedía misericórdia, no entanto, foi em vão.

Sua vida já passava diante de seus olhos, pois não comia há vários dias e isso impedia sua salvação. Com um olhar dolorido desejou o fim da guerra e juntou-se a seu pai.

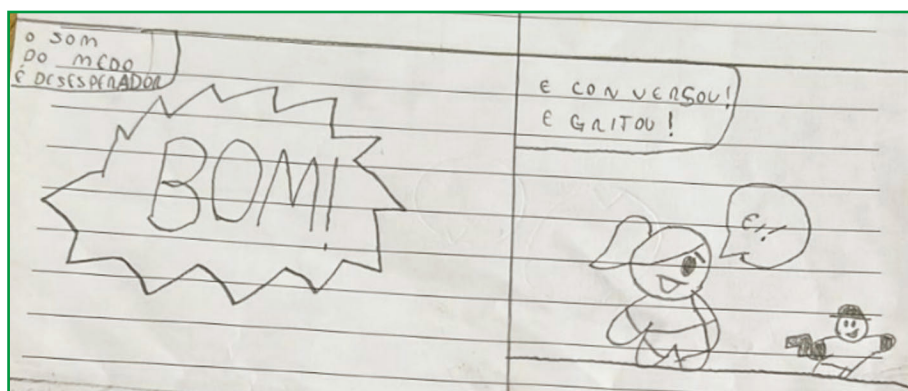
5. Olívia Lens Cândido Fideles – 5º ano – Ensino Fundamental



Estava tendo guerra da Palestina e de Israel, e está.

– Não tem volta. Tô chegando.

E chegou.



O som do medo é desesperador.

BOM!

E Conversou! E gritou!

– Ei!



Encheu o peito de ar e falou:

– Eu não aguento mais!

E o trauma nunca mais saiu.

- Esta imagem foi retirada de um vídeo, publicado no site: <https://www.apostagem.com.br/2022/03/03/video-criancas-palestinas-enfrentado-soldados-de-israel-como-se-fossem-ucranianas-viralizam-nas-redes/>.

FUNAPE

Fundação de
Apoio à Pesquisa

